



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MÔNICA SANTOS DA SILVA ALBUQUERQUE

**A BRINCADEIRA COMO CONSTRUTORA DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA NEGRA**

**GUARABIRA-PB
2021**

MÔNICA SANTOS DA SILVA ALBUQUERQUE

**A BRINCADEIRA COMO CONSTRUTORA DA AUTOESTIMA DA
CRIANÇA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título de Especialista.

Linha de Pesquisa: Educação étnico-racial na educação infantil

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

GUARABIRA-PB
2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A234b Albuquerque, Monica Santos da Silva.
A brincadeira como construtora da Autoestima da Criança Negra [manuscrito] / Monica Santos da Silva Albuquerque. - 2021.
58 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Brincadeira. 2. Criança negra. 3. Socialização. I. Título
21. ed. CDD 371.33

MÔNICA SANTOS DA SILVA ALBUQUERQUE

**A BRINCADEIRA COMO CONSTRUTORA DE AUTOESTIMA DA
CRIANÇA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título de Especialista.

Linha de Pesquisa: Educação Étnico-racial na Educação infantil

Aprovada em 14//06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof.^a Ms. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)



Prof. Ms. Felipe Pereira da Silva (Examinador)
Secretaria Municipal de Educação de Araçagi-PB

A minha filha Maria Lorena, que com inocência e alegria torna meus dias mais leves. Um presente de Deus na minha vida. **Dedico.**

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus meu Senhor por está presente em todos os momentos da minha vida, me guiar e me dar força para vencer os obstáculos da vida;

À Virgem Maria por me consolar nos momentos de angústias;

Aos meus pais Luís e Joselene por me dedicarem seu tempo e formarem a pessoa que eu sou.
Sem o apoio de vocês nada disso seria possível;

Ao meu esposo Celso, companheiro imensurável por todo apoio durante o curso e principalmente durante a realização deste trabalho;

Ao meu irmão Lucas, meu companheiro de jornada, por dividir comigo a sua experiência e os desafios da academia. Pela amizade e companheirismo diário;

Ao meu irmão Luiz Miguel, pelo carinho, compreensão e amizade;

Aos meus irmãos Isaías, Nathaly e José William por fazerem parte da minha trajetória e por todo apoio a mim concedido;

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, pela disponibilidade, dedicação e compreensão;

A minha amiga e comadre Sílvia, pela torcida de sempre, pelo apoio e por compartilhar as alegrias das nossas conquistas;

A minha amiga Maria Isabel, por fazer parte da minha vida e por ouvir meus conselhos de manter seus cachos, que são lindos!

As minhas amigas Rosimere e Daniely por todos os momentos agradáveis e por fazerem parte dessa conquista.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir sobre as brincadeiras as quais fazem parte do universo lúdico infantil, elas têm papel importante no desenvolvimento humano, uma vez que promovem a interação e a socialização, além de favorecer a criança no estabelecimento das relações sociais e estimular a construção de conhecimento para que possa se desenvolver integralmente. Esta pesquisa apresenta como as brincadeiras afro-brasileiras na fase da educação infantil, podem ser métodos que auxiliam no combate às práticas discriminatórias, já que estas possibilitam à criança conhecimento sobre si e o outro. Bem como a atuação do/a professor/a como mediador no processo de socialização e inclusão das crianças negras junto às demais na sala de aula e nos momentos de recreação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem multirreferencial, e demonstra o valor educativo das brincadeiras afro-brasileiras e africanas e como elas podem ser aliadas na construção da identidade das crianças negras. Deste modo, a criança quando brinca desenvolve a criticidade, solidariedade e compreensão de igualdade. Por isso, a necessidade de profissionais conhecerem a importância e valorizar o ato de brincar e a ludicidade que o acompanha. Concluímos que a brincadeira favorece ao/a professor/a infinitas possibilidades a prática pedagógica ao ser utilizada como recurso no processo ensino-aprendizagem de qualquer conteúdo.

Palavras-Chave: Brincadeira, Criança negra, Socialização.

ABSTRACT

The present work aims to discuss about the games which are part of the children's playful universe, they have an important role in human development, as they promote interaction and socialization, in addition to favoring the child in the establishment of social relationships and stimulating construction of knowledge so that they can fully develop. This research shows how Afro-Brazilian games in early childhood education can be effective methods in combating discriminatory practices, as they enable children to know about themselves and others. As well as the role of the teacher as a mediator in the process of socialization and inclusion of black children with others in the classroom and in moments of recreation. This is a qualitative research with a multi-referential approach, and demonstrates the educational value of Afro-Brazilian and African games and how they can be allied in building the identity of black children. In this way, the child, when playing, develops criticality, solidarity and an understanding of equality. Therefore, the need for professionals to know the importance and value of the act of playing and the playfulness that accompanies it. We conclude that playing favors the teacher with infinite possibilities for pedagogical practice by being used as a resource in the teaching-learning process of any content.

Keywords: Play, Black child, Socialization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.0 - A BRINCADEIRA COMO ESTRATÉGIA SOCIALIZADORA	13
1.1 – O que é brincar?.....	18
2-O/A PROFESSOR/A COMO MEDIADOR/A DA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA	22
2.1 – Formação docente.....	28
3 - A CRIANÇA NEGRA COMO SUJEITO HISTÓRICO E SUAS BRINCADEIRAS	34
3.1- O que é infância?.....	38
3.2 – Cultura.....	43
3.3– Cultura afro-brasileira	46
3.4 - Brincadeiras afro-brasileiras	50
3.4.1 Capoeira	52
3.4.2 Terra-mar.....	53
3.4.3 Pegue o bastão	53
3.4.4 Neéz deguíaan.....	54
3.4.5 Fogo na montanha.....	54
3.4.6 Labirinto	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

A brincadeira está presente em todas as fases da infância, a partir dela a criança vive seu mundo imaginário, visto que através da brincadeira a imaginação e a criatividade se desenvolvem. Logo, o mundo criado é só dela, haja vista experimentar realidades futuras, onde tudo é permitido e possível. Ou resgatar experiências vivenciadas no passado que não foram acabadas integralmente pela criança. Além disso, também desenvolve a coordenação motora, sensorial, e aprimora o desenvolvimento físico e intelectual.

A infância é dividida em quatro fases: sensório motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. **Sensório motor** - dura de 0 (zero) à 2 (dois) anos, nesta fase, a criança tem as primeiras percepções de que seus movimentos geram impacto no ambiente ao seu redor; **Pré-operatório** - vai dos 2 (dois) aos 7 (sete) anos. Nesta fase a criança já sabe criar e interpretar.

As brincadeiras de faz de conta são ótimos mecanismos para se trabalhar os estímulos como a fala, a interação e a socialização. É nesta fase que a fala se desenvolve de forma mais acentuada; **Operatório concreto** - se inicia aos 8 (oito) anos e vai até aos 12 (doze). É marcada pelo pensamento lógico concreto. Sentimentos abstratos como amor e felicidades ainda não conseguem ser internalizados. Nesta fase a criança também consegue diferenciar valores e quantidades; **Operatório Formal** - esta fase se inicia aos 12 (doze) anos. Nela a criança consegue executar tarefas mais complexas como entender pessoas e manipular conceitos matemáticos (RANGEL, 2013, p.43- 73).

Essa pesquisa surgiu a partir de uma experiência como educadora social em uma ONG. Na qual uma menina de seis anos sofria racismo constantemente por parte dos colegas. Ao reconhecer a brincadeira como parte fundamental do desenvolvimento do ser humano a percebi como aliada da educação na sala de aula.

A abordagem dessa pesquisa é de caráter qualitativo, pois se trata de uma discussão específica, mas de forma abrangente. Nela foram analisadas as brincadeiras como cada uma se desenvolve, e de que modo o/a professor/a poderá utiliza-las como forma de inserção das crianças negras no convívio com as demais crianças, e assim promover o respeito mútuo.

Para tal análise, buscou-se a utilização de obras como livros e artigos científicos. A pesquisa teve início com a elaboração do projeto, no entanto, em função da pandemia da Covid 19 não foi possível à realização do que havia sido planejado. Depois foram feitas as leituras dos materiais encontrados e a fundamentação teórica.

A partir das leituras percebeu-se a importância de também abordar a relação que professor/a tem na construção da identidade das crianças negras e assim buscou-se trazer para a pesquisa as questões relacionadas à formação de professores/as, principalmente os que atuam na educação infantil.

Mostrou-se então de grande relevância relacionar a formação de professores/as e a brincadeira, a qual é de extrema importância que se faça presente no cotidiano da Educação Infantil como material de socialização.

Por meio da brincadeira, a criança constrói suas relações com outras pessoas e desenvolve a habilidade de liderança. Aprende a dividir, a respeitar o direito do outro e a conviver. Ela também aprende a se colocar no lugar do outro. Mas infelizmente, algumas vezes crianças negras são impedidas de brincar com as demais, pois são na maioria das vezes vistas como sujas e incapazes pelas outras, que reproduzem o racismo aprendido em casa, na escola e na sociedade em que está inserida.

Nesse contexto, cabe ao/a professor/a partir dos pressupostos do que coloca a Lei 10.639/2003 criar meios eficazes no combate ao racismo, de modo a desenvolver nas crianças negras e não negras a capacidade de respeitar e valorizar a diversidade racial existente na escola, e assim ensiná-las sobre a presença das pessoas negras na história do Brasil.

A brincadeira utilizada como dispositivo de aprendizagem se torna uma aliada na sala de aula. Pois o/a professor/a como mediado/a desperta na criança o desejo de fazer parte do processo. Na brincadeira e no jogo a criança concentra toda a sua atenção e disponibilidade. Conforme afirma (Vygotsky apud Trindade, 2016):

Jogos e brincadeiras são excelentes formas de aprendizado. Através deles podem-se simular situações, desenvolver a criatividade, a imaginação a interação e a socialização. O brincar, é mais do que diversão, é uma forma de interagir com realidade, principalmente para as crianças. É pela brincadeira que a criança recria, interpreta e estabelece relações com o mundo em que vive, realizando desejos que não podem ser satisfeitos no mundo real (VYGOTSKY apud TRINDADE, 2016, p.03).

Trabalhar as brincadeiras africanas é importante, pois possibilita a criança acesso aos aspectos culturais muitas vezes vivenciados no cotidiano das crianças negras, tanto na família, quanto na sociedade em que ela vive. Além de possibilitar-lhes conhecer elementos que fazem parte do universo cultural em que vive, mas podem estar sendo perdidos devido à cultura de massa impor um novo modo de brincar.

Segundo Cascudo (1984) e Kishimoto (1999 e 2003), os jogos tradicionais infantis fazem parte da cultura popular, expressam a produção espiritual de um povo em uma determinada época histórica, são transmitidos pela oralidade e sempre estão em transformação, incorporando as criações anônimas de geração pra geração.

A cultura africana foi trazida ao Brasil através dos corpos e memória dos povos africanos aqui aportados como escravizados durante o longo período em que durou o tráfico negreiro. Junto com eles veio também à diversidade de idiomas e de tradições, já que eram trazidos de diversas regiões da África. Por isso, os valores culturais de África estão presentes em muitos aspectos da cultura brasileira como a dança, música, religião, jogos, brincadeiras, culinária e idioma.

Com a implementação da lei 10.639/2003 se tornou obrigatório o ensino dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana. Nesse processo, as brincadeiras e jogos são aliados no ensino dos conteúdos demandados por essa lei junto às crianças, sobretudo, as da educação infantil e do ensino fundamental I. Pois muitas das brincadeiras vivenciadas na escola fizeram parte da infância de seus pais e avós.

Em meio à implementação dessa lei, há professores/as que ainda encontram dificuldades para trabalhar na sala de aula os conteúdos demandados por tal lei. Seja pela falta de conhecimento, seja pelo racismo ainda impregnado na sociedade brasileira. Ou ainda por pensarem que tais conteúdos são complexos para ser trabalhados com as crianças na educação infantil. Por isso, acabam esses conteúdos sendo trabalhados apenas de forma pontual, como é comum, nas datas comemorativas como 13 de maio e 20 de novembro.

Para isso, é necessária a formação inicial e continuada para que o/a professor/ tenha consciência de que o que ele está trabalhando não seja contraditório com a forma com que ele age em relação às crianças negras. E nem caia no comodismo de trabalhar os conteúdos de qualquer forma, tornando-o assim desinteressante para as crianças.

Algumas vezes o desinteresse dos/as professores/as pelos conteúdos previstos na lei 10.639/03 não é apenas por questões do racismo, do preconceito, mas, se dá também devido a falta de incentivo, ou seja, da formação continuada, condição de trabalho e a forma autoritária da gestão em lidar com as ações pedagógicas. Isso reflete na qualidade das aulas, pois o/a professor/a desmotivado/a não tem entusiasmo e autonomia na sua prática, assim a manterá distante das relações étnico- raciais.

Para que essa perspectiva de educação prevaleça, a gestão escolar deve manter uma prática democrática. Ou seja, dialogar com o/a professor/a sobre o seu fazer, para que ele não trabalhe com os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana, apenas por ser

obrigatório. Mas porque é direito de todos/as alunos/as negros/as, ou não conhecer a cultura na qual estão inseridos. Desse modo, as atividades devem ser pensadas e planejadas para que as crianças negras se identifiquem com o conteúdo e aprendam.

A maioria da criança que está no ambiente escolar público é negra, mas infelizmente há uma tentativa de homogeneização da sociedade que insiste em não enxergá-la, o que faz com que no currículo escolar perpetue a cultura cristã, branca e ocidental, portanto a do grupo dominante. Isso camufla o racismo ou nega a sua existência.

Todavia, uma criança que sofre racismo, carrega consigo sequelas psicológicas, sociais e culturais, e faz com que gere nela uma série de sentimentos negativos em relação a sua própria pessoa, pois afeta sua autoestima e a construção da identidade racial. Levando-a se tornar um adulto que não se reconhece negro, que nega sua história e até mesmo sua cultura ou religião.

As pessoas que fazem parte da escola estão envolvidas por um contexto de igualdade entre as crianças que são falsas, o que faz com que neguem o racismo. Muitas vezes por não saberem lidar com esse problema e algumas vezes por não darem a devida importância a um problema tão grave e corriqueiro.

Infelizmente, as pessoas negras são ensinadas desde cedo a negarem sua identidade para que possam ser aceitas na sociedade. Por isso, o racismo acontece principalmente por sua negação. No Brasil, as pessoas negam insistentemente a presença do racismo, mas cotidianamente nos deparamos com situações de discriminação em relação à cor da pele. Além disso, vários estudos mostram a desigualdade social, cultural e econômica entre pessoas negras e brancas.

A negação do racismo não é a solução para que ele seja extinto, pelo contrário, quanto mais se nega, mais ele se perpetua na sociedade. Assim, impossibilita que as pessoas negras tenham acesso aos mecanismos que as levem a construir a sua identidade e conhecerem a sua história.

Por isso, é relevante que esse tema seja abordado desde a educação infantil. Visto as crianças estarem diariamente expostas às práticas racistas e excludentes, que se não forem combatidas desde cedo, farão com que se tornem adultos racistas.

Sabe-se que a brincadeira é uma necessidade natural da criança, o/a professor/a poderá encontrar nela a oportunidade de trabalhar o tema de forma prazerosa e eficiente. Pois o hábito de brincar possibilita à criança aprendizados que ela incorporará a vida cotidiana e social.

As brincadeiras são relevantes na formação das crianças negras, se introduzidas na sala de aula elas permitirão que aprendam de forma lúdica sobre a cultura africana e afro-brasileira. Assim percebam o legado que o africano e negro deixaram no Brasil, os quais são relevantes à construção da cultura brasileira. A criança aprenderá que a presença do africano e negro no Brasil não se limitou apenas a mão-de-obra escravizada, mas está em tudo da nossa cultura brasileira.

A implementação da lei 10.639/2003 não muda imediatamente o comportamento de professores/as em sala de aula, mas possibilita que reconheça a importância da gente negra na sociedade brasileira, e passe a querer conhecer a cultura construída e preservada pela gente negra, que tanto enriqueceu a cultura nacional. Além de perceber que tal cultura está no seu dia-a-dia em vários aspectos.

1.0 - A BRINCADEIRA COMO ESTRATÉGIA SOCIALIZADORA

Nas décadas passadas, durante o século XX, as crianças brincavam a partir de experiências aprendidas com pais, tios, ou avós. Os brinquedos eram confeccionados por elas com a ajuda dos adultos, mas com o passar do tempo às formas de brincadeiras foram sendo transformadas, como também os brinquedos que começaram a serem produzidos pela indústria. Ao construir seus próprios brinquedos, era possibilitado às crianças desenvolver a criatividade e raciocínio, assim sendo, a fabricação de seus próprios brinquedos permitia-lhe criar, inventar e descobrir.

Desde bebês, a brincadeira faz parte da vida do ser humano. Nesta fase, as brincadeiras estão relacionadas ao corpo, o qual é descoberto logo nos primeiros meses de vida, quando a criança põe as mãos e os pés na boca. Para ela descobrir seu próprio corpo e lidar com ele é uma brincadeira importante e atrativa. Ao brincar vivencia papéis sociais que poderá exercer no futuro, permitindo que possa criar meios de explicar suas experiências com o mundo. Segundo Moyles (2002).

A criança pequena que assume o papel da bailarina está experimentando como é adotar o papel de uma outra pessoa. Ela imita movimentos, maneirismos, gestos, expressões: ela realmente sente como é estar vestida com um tecido armado como o tule, as texturas contrastantes, as propriedades que elas oferecem e as diferentes qualidades e posturas físicas que inspiram (MOYLES, 2002, p.19).

A brincadeira possibilita um universo de aprendizagem. Ao brincar a criança aprende a conhecer a si mesma, suas percepções, ela vive na brincadeira o que a realidade

não pode lhe proporcionar. Além de trazer para a brincadeira o contexto social em que está inserido, o que ela vive no dia-dia, pois nela se reproduz a forma como é tratado, o que ela aprende com as pessoas ao seu redor, seja adulto ou outra criança.

O brincar integra a experiência de reconhecimento de si e do outro no mundo. Esta reciprocidade realiza a aprendizagem que irá coordenar, sintetizar, relacionar diferentes percepções. Todavia, essa apreensão não é neutra, pois se inter-relaciona com diversos contextos (LIMA, 2010, p.87).

Nesse contexto Lima (2010) ainda ressalta que:

O brincar é um aliado importante para o processo de conhecimento e de organização afetiva da criança . O brincar é uma oportunidade de aprender a vida. O educador pode dimensionar a riqueza desses momentos como um jogo que pode levar a superação ou manutenção de preconceitos, principalmente quando associados à identidade negra. Se toda criança descobrir prazer nesse relacionamento, esta será uma base sensível pra futuros caminhos (LIMA, 2010, p. 90).

Ao brincar, as crianças se apropriam de ações sociais tipicamente humanas e aprendem sobre os grupos sociais dos quais pertencem. Assim, a brincadeira permite que se criem laços de solidariedade entre os indivíduos que dela participam, assumindo assim um papel importante como participação do sujeito no meio social. Sobre isso Borba (2007) afirma que:

Se entendermos que a infância é um período em que o ser humano está se construindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental como forma de participação social e como atividade que possibilita a apropriação, a resignificação e a reelaboração da cultura pelas crianças (BORBA, 2007, p.12).

Nesse sentido, brincar é uma experiência importante de cultura na qual as crianças aprendem sobre elas mesmas e sobre o mundo, reproduzindo nas brincadeiras experiências vivenciadas no cotidiano.

É sabido que a criança reproduz a forma como é tratada e o modo como os que estão ao seu redor se comporta, ela reproduzirá sem dúvidas o racismo vivenciado na família, na escola e nos demais ambientes com os quais se relaciona com pessoas racistas. Assim o combate ao racismo deve ser trabalhado desde a educação infantil, para que a criança cresça

consciente da diversidade de raça, aprenda assim a respeitar o outro independente da sua característica biológica e física.

A luta antirracista é cotidiana, de fato, as crianças não aprendem aquilo que dizemos e/ou ensinamos a elas, aprendem aquilo que de fato fazemos as atitudes que tomamos. Não é fácil mudar, temos que fazer em nosso próprio corpo, mas vale a pena e há urgência! (ABRAMOWICZ e RODRIGUES, 2010, p.95).

Por isso é preciso que os conteúdos africanos e afro-brasileiros, sejam abordados com estratégias eficazes para a aprendizagem das crianças. As brincadeiras fazem com que essa seja feita de forma prazerosa. Mas é necessário que o/a professor/a tenha conhecimento e familiaridade com relação aos conteúdos e as brincadeiras, os quais devem ser planejados e organizados.

Para que as brincadeiras desempenhem função educativa, elas precisam estar planejadas dentro da situação de ensino e da realidade das crianças. Para isso é necessário que o/a professor/a, conheça também os/as seus/suas alunos/as. A realidade em que vivem o contexto social em que se encontram. Para que a brincadeira não caia no comodismo de abordar o conteúdo de forma superficial, perdendo assim, o seu objetivo principal. Segundo afirmam, Barbosa, Santos, Souza e Silveira (2004):

Jogos e brincadeiras devem ser vistos com seriedade e atenção por parte dos profissionais da educação infantil e dos anos iniciais, pois através dessas atividades há possibilidade de relação entre corpo e mente nas práticas pedagógicas (BARBOSA, SANTOS, SOUZA e SILVEIRA, 2004, p.09).

As brincadeiras abordadas com conteúdos tradicionais permitem as crianças negras que conheçam sua história e sua cultura de forma prazerosa. Tornando assim, as aulas mais proveitosas e significativas. Como salientam Cória-Sabini e Lucena (2012):

As brincadeiras tradicionais, ligadas ao folclore, refletem a mentalidade popular e expressam-se, sobretudo pela oralidade. Como parte da cultura, essa modalidade de brincadeira perpetua os costumes e valores de um povo em certo período. O professor pode explorar essas situações, mostrando o contexto histórico, o tipo de relação estabelecida, as regras, etc (CÓRIA-SABINI e LUCENA, 2012, p.43-44).

Nesse sentido, as brincadeiras africanas além de contribuírem para o conhecimento das tradições do povo africano as quais estão presentes na formação do Brasil, favorecem a autoestima, sobretudo, nos casos em que as crianças negras se sentem inferiores em relação às demais crianças. Pois a escola é um espaço onde existe racismo e discriminação, o que prejudica alunos e alunas negras.

Contudo, a valorização da diversidade racial não deve ser apenas limitada ao não falar palavras ofensivas contra as crianças negras, ou não tratá-las de maneira diferenciada, mas criar condições para que estas tenham as mesmas oportunidades que as demais possuem.

As práticas pedagógicas e os conteúdos devem contemplar todos os indivíduos que se fazem presentes no cotidiano escolar. Para que uma simples atividade não seja objeto de discriminação e exclusão. Como uma simples contação de história que na maioria das vezes estão presentes personagens brancos de olhos claros como protagonistas, o que faz com que as crianças negras não se sintam representadas. Ou se sintam feias e inferiores as demais.

Por essas razões muitos cidadãos negros ainda tem dificuldade em assumir a sua etnia e não tem orgulho da sua história. São vistos como descendentes de escravos trazendo nessa bagagem todo estigma vinculado a esse passado, e que está presente tanto no imaginário coletivo dos brancos, como dos próprios negros. Dessa maneira, permanece a imagem restritiva de seus antepassados e de si mesmos, de um passado sem glórias, de tristezas, e de sofrimento (ROSA e VENTURA, 2011, p.5).

Muitas crianças ainda se sentem como pessoas menos importantes pelo fato de não fazerem parte dos padrões de beleza impostos pela sociedade capitalista. Por esse motivo é de extrema importância que se utilize estratégias pedagógicas que contribuam com o desenvolvimento integral delas. Nesse caso, o lúdico é um grande aliado para que haja um resgate significativo da autoestima das crianças negras fazendo com que elas percebam que fazem parte da sociedade e também para que as de outras etnias possam percebê-las como pessoas iguais a elas, com os mesmos direitos e capacidades.

Então, se mostram de grande relevância as brincadeiras nos espaços educacionais, principalmente nas salas de educação infantil. Pois nessa etapa é muito necessário que se comece a desconstruir a visão negativa do negro, facilitando assim, a absorção mais concreta da diversidade sem que nenhuma seja vista como inferior.

Nessa fase educacional também é importante que se trabalhe sobre a família. Pois esta é uma grande oportunidade para que o professor conheça melhor a criança, o que ela gosta de fazer, do que ela gosta de brincar, como ela é tratada pela sua família no cotidiano.

Também como a família se posiciona em relação ao negro e as questões étnico-raciais. Pois na maioria das vezes as crianças vivem em um ambiente onde a própria família comete o racismo contra elas.

Permitir que as crianças compartilhem suas vivências, suas histórias, fará com que elas se sintam acolhidas no espaço escolar e se sintam parte do ambiente onde convivem com os demais colegas. Assim, a brincadeira deve ser conduzida com seriedade para que possa ter confiança no/a professor/a. Acerca dessa questão, Almeida (2000) alerta que:

O sentido real, verdadeiro, funcional da educação lúdica estará garantido se o educador estiver preparado para realizá-lo. Nada será feito se ele não tiver um profundo conhecimento sobre os fundamentos essenciais da educação lúdica, condições suficientes para socializar o conhecimento e predisposição para levar isso adiante (ALMEIDA, 2000, p. 63).

Por isso muitas vezes o/a professor/a deixa de lado as brincadeiras, pois apesar de ser algo natural e atrativo para as crianças, precisa ser conduzido com sabedoria para que seja alcançado o objetivo que se busca. Nesse sentido o RECNEI aponta:

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (RECNEI, 1998 p.29).

Assim é relevante que o/a professor/a busque métodos para que a brincadeira se faça em equipes, pois brincar nos espaços escolares e de educação infantil, também permite o conhecimento do/a outro/a. A interação, o diálogo e o compartilhamento de ideias fazem com que haja verdadeiramente um entrosamento entre as crianças. Nisso, é desenvolvido o respeito, a valorização coletiva, pois houve tempo e espaço para a desconstrução de ideias negativas em relação ao colega.

A musicalidade também deve fazer parte das brincadeiras infantis, pois essa é uma ótima estratégia para se trabalhar a corporeidade das crianças. Já que os toques dos tambores

trazem um ritmo intenso, alegre e contagiante, desperta nas crianças negras ou não, o interesse em participar das atividades.

Através das músicas afro-brasileiras, é possível desenvolver habilidades motoras e orais. Além de elas oferecerem de forma dinâmica conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e africana. Através das músicas, é possível desenvolver várias outras atividades além da brincadeira. (citar algumas atividades) como confeccionar seu instrumento musical, Tendo estas um grande significado, sobretudo, se os conteúdos foram abordados de forma prazerosa pelo/a professor/a.

Outro benefício que a brincadeira proporciona é fazer com que as crianças aprendam a ganhar e a perder. Neste caso, desenvolve consciência de que ela não é melhor que as outras porque ganhou, nem pior porque perdeu. Isso fará com que levem para as suas vidas a visão de que nem tudo será favorável a elas. Como ouvir não na entrevista de emprego, a reprovação em um vestibular, faz com que as pessoas não se sintam inferiores diante de suas não conquistas.

Nesse sentido, as crianças brancas aprendem que elas não são melhores que as negras. Assim como as negras tomam consciência de que não são inferiores às demais. Levando-as a não se submeterem a práticas discriminatórias, exclusivas sem tomarem posição de combate a essas práticas. A brincadeira prepara a criança para a partir da perda, unir forças e seguir em frente.

Mas, é preciso que o/a professor/a trabalhe a emoção das crianças para que a brincadeira não se torne uma obsessão pelo ganho e sim uma diversão. Precisa deixar claro que ganhar e perder faz parte da brincadeira, assim como na vida cotidiana.

1.1 – O que é brincar?

O brincar é uma característica presente na infância. Faz parte das necessidades das crianças. Através do brincar, elas expressam o que estão sentindo no momento e o aprendizado acontece de forma concreta, à medida que estimula funções fundamentais, como a função sensorial, motora e emocional.

Brincar não é uma mera distração para as crianças, faz parte do universo infantil, do desenvolvimento social, físico e psicológico do ser humano. No entanto, deve-se incentivar a brincadeira constantemente, sobretudo, porque possibilita que a criança crie seu espaço lúdico.

O brincar e o falar estão relacionados intrinsecamente para as crianças, pois elas acreditam em que tudo fala e ouve. Ao brincar, elas dão vida e sentido aos objetos que fazem parte da brincadeira, à medida que estabelecem diálogo entre os objetos inanimados, plantas entre outros brinquedos. Porque elas reproduzem seu ser interno externamente e reproduz a mesma atividade para tudo.

Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (RECNEI, 1998, p.27).

Assim, brincar de forma livre e prazerosa, faz com que as crianças sejam conduzidas a uma esfera imaginativa onde são capazes de reproduzir as relações que vivem no dia a dia, Ou seja, elas vivem um faz de conta consciente. É por meio do ato de brincar que elas expressam seus medos, frustrações e angústias que já enfrentaram, por isso devem ser considerados como fator primordial para o seu futuro.

A brincadeira não se dá apenas coletivamente, mas pode ser produzida individualmente. Além disso, ela não precisa de regras para que seja executada, as crianças criam suas próprias regras no ato de brincar. O que se constitui um processo contínuo e cheio de significados. Através da brincadeira elas poderão compensar realidades desagradáveis que vivenciam cotidianamente.

Para as crianças o brincar tem a importância de uma construção histórica, na qual elas reproduzem atitudes vividas pelos adultos de forma lúdica e livre. Assim assimilam o mundo e o experimenta sem compromisso com a realidade. Por isso, a brincadeira não é algo dado, mas, se aprende a brincar desde cedo nas relações que são estabelecidas entre os sujeitos.

Desse modo, a brincadeira prepara as crianças para a vida, à medida que possibilita a interação social, agrega conhecimento e faz compreender como o mundo funciona. Através do contato físico também é possível que elas possam conhecer a si mesma e o/a outro/a. Nesse sentido Vygotsky (1987) aponta que:

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de

construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (VYGOTSKY, 1987, p.37).

Por esse motivo, é fundamental que se compreenda que brincar contribui para que as crianças possam expressar práticas que são preservadas de geração a geração apreendidas cotidianamente com seus familiares e com as pessoas que as rodeiam. Contudo, necessita de um ambiente adequado, que condicione a qualidade da brincadeira, pois precisa ter liberdade e senti-la para que a sua construção seja significativa.

Além disso, o espaço deve está de acordo com cada faixa etária, seja na escola ou em casa, para que as necessidades das crianças sejam supridas. As crianças ao brincar precisam ter autonomia e confiança no ambiente em que brincam.

Como as crianças são seres em desenvolvimento, sua brincadeira é estruturada de acordo com a sua capacidade de o que fazer em cada momento, ou seja, em cada idade, elas expressam diferentemente a sua comunicação e relacionamento com o ambiente e com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano.

A brincadeira das crianças evolui de acordo com o seu desenvolvimento. Mas a fase de maior evolução é até os seis anos de idade e se concretiza de maneira diferente do que aprendeu, ou seja, elas adaptam as brincadeiras que aprenderam à sua realidade. Assim, há variadas formas de elas executarem as mesmas brincadeiras.

Brincar é de suma importância para o desenvolvimento infantil pelo fato de contribuir para a mudança de relação entre as crianças e os objetos. Estes por sua vez, passam a não ter mais sua força determinadora na brincadeira. “A criança vê um objeto, mas age de forma diferente em relação ao que vê. Assim é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que vê”. (VYGOSTKY, 1998, *apud* QUEIROZ, MACIEL, BRANCO, p.4).

Ao brincar as crianças usam objetos para representar coisas diferentes e assim o objeto ganha um significado diferente do que é na realidade. Como nas brincadeiras de casinha onde pedras pequenas viram alimento, pedaços de madeira viram veículos. Desse modo, as ações ganham novos significados em relações aos objetos convencionais dos quais podem ser libertados. Por isso, não se acredita mais que o imaginário das crianças determina as brincadeiras. A esse respeito afirma Benjamim (1984):

A criança quer puxar alguma coisa, torna-se cavalo, quer brincar com areia, torna-se padeiro, quer esconder-se, torna-se ladrão ou guarda e alguns instrumentos do brincar arcaico despreza toda a máscara imaginária (BENJAMIM, 1984, pp.76-77).

Para esse autor, a criança ao brincar e dar novos significados aos objetos cria situações sofisticadas da realidade, à medida que transforma os objetos a fim de satisfazer os seus desejos, e desenvolve assim o seu potencial criativo. Assim, areia pode se transformar em bolo e doce de sua festa de aniversário imaginária, pedaços de madeira podem virar cavalo. Desta forma, vive o que a realidade não pode lhe proporcionar. E em algumas situações imita o adulto.

Na brincadeira as crianças buscam realizar seus desejos para atender as suas necessidades e na maioria das vezes realiza os imediatos. No entanto, com idade entre dois e seis anos tem inúmeros desejos uns que nem sempre consegue realizar em curto prazo. Por isso, em outro momento ela os realiza na brincadeira. Como diz Vygotsky (1998):

Se as necessidades não realizáveis imediatamente, não se desenvolvessem durante os anos escolares, não existiriam os brinquedos, uma vez que eles parecem ser inventados justamente quando as crianças começam a experimentar tendências irrealizáveis (VYGOTSKY, 1998, *apud* QUEIROZ, MACIEL, BRANCO, p. 5).

Na sala de aula, as crianças buscam satisfazer seus desejos irrealizáveis imediatamente, para isso, elas usam a imaginação e criam um mundo onde concretizam os não realizáveis. Este mundo se chama brincadeira. A imaginação, o autor define como:

Um processo psicológico novo para a criança em desenvolvimento; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais. Como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação e na interação com o outro (VIGOTSKY, 1998 *apud* QUEIROZ, MACIEL, BRANCO, p.5).

Isso não quer dizer que todos os desejos não realizados irão dar origem à brincadeira, pois desejos são originados de forma inconsciente. Por exemplo, se uma criança deseja andar de bicicleta e não pode realizar imediatamente, ela não irá posteriormente fazer de conta que está andando de bicicleta. Desta forma, brinca também de forma inconsciente das motivações que dão origem a brincadeira.

Muito se falava que a brincadeira das crianças é a imaginação em ação, mas a imaginação não surge do nada. Para isso, parte do brinquedo. Assim, através do brinquedo,

elas criam uma situação imaginativa na qual o brinquedo ou objeto faça parte e dê sentido a brincadeira. Daí expressa o contexto em que vivem como a classe social, o modo de vida, a forma como se relaciona com as pessoas com quem convivem.

Nesse sentido, é necessário que a brincadeira seja vista para além do conceito de brincar, mas que o/a professor/a examine a atividade do faz de conta. Pois as crianças são sujeitos em construção cultural, o que garante que a cultura produzida por elas no ato de brincar, ultrapasse gerações. Inclusive a dos adultos por elas responsáveis.

2-O/A PROFESSOR/A COMO MEDIADOR/A DA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA

A escola é ainda uma instituição conservadora que perpetua valores embranquecidos e com isso, não se preocupa em criar políticas de valorização da criança negra. Utiliza materiais que não representam as crianças negras. Conforme (Abramowicz e Rodrigues, 2010).

A criança negra utiliza equipamentos de ensino que não acolhem a sua diferença, sua particularidade cultural e que, em diversas situações, impossibilitam sua permanência na escola, por se basearem em um único modelo de indivíduo e de cultura (ABRAMOWICZ e RODRIGUES, 2010, p.93).

O material didático oferecido pelas escolas não contemplam a história dos povos afro-brasileiros de forma positiva. Além de fornecer de forma deficiente os conteúdos relacionados à temática, persiste em relacionar a cultura negra à escravidão, omitindo todas as realizações e conhecimento fornecido por esse povo contribuindo dessa maneira com a baixa estima das crianças negras, por não se identificarem com a imagem que lhes é apresentada.

O livro didático é apontado pelas pesquisas raciais como sendo um veículo que pode gerar consequências negativas na autoimagem da criança negra, pela veiculação de estereótipos relacionados ao povo negro que geralmente é apresentado de forma caricaturada e desempenhando papéis subalternos. (ABRAMOWICZ e RODRIGUES, 2010, p.93).

A escola na maioria das vezes tem um currículo com base conservadora e excludente. Pois se baseia muitas vezes em um modelo que não contempla os/as alunos/as negros/as, os quais não se sentem representados/as. Tornando assim, a escola, um ambiente pouco agradável a eles/as.

Para que essa situação seja diferente, é preciso que professores/as recebam formação adequada para trabalhar de forma inclusiva, possibilite aos/as alunos/as negros/as conhecer atividades que contemplem a sua cultura e a sua história. Como defende Souza (2010).

Ao tratar da questão das diversidades racial e cultural nas creches e na educação infantil, torna-se relevante considerar a formação docente que deveria ser o primeiro critério para a seleção das professoras que trabalham na educação infantil. (SOUZA, 2010, p.73).

A formação do/a professor/a no Brasil é discutível, além das condições de trabalho serem inadequadas, o que evidencia as amarras culturais e sociais encontradas na prática docente. O que muitas vezes caracteriza a educação infantil como fase menos importante, vista apenas como uma preparação pra o ensino fundamental e não exige formação. Pois sua atividade está pautada no cuidado e sua dimensão educativa, voltada para o desenvolvimento e crescimento da criança.

Por isso, algumas creches e escolas de educação infantil, não priorizam o brincar como atividade essencial para o desenvolvimento da criança. Justamente pelo fato de o corpo docente não ter formação suficiente para enxergar o lúdico e a brincadeira como prática de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

Assim, a formação do/a professor/a baseada na pedagogia do brincar é de suma importância, já que a ludicidade é uma característica natural da criança. Para isso o/a professor/a deve despertar em si próprio a ludicidade para que assim possa estar em sintonia com os/as alunos/as nas atividades lúdicas. Sobre essa questão Luckesi (2014) diz que “ludicidade é um estado interno, importa que o educador, um profissional que atua formando outros, necessita cuidar em primeiro lugar, de si mesmo” (LUCKESI, *apud* JUNIOR, 2019, p. 32).

As brincadeiras devem ter normas e o/a professor/a precisa saber qual o propósito de trabalhá-las em sala de aula. Estas devem ser previamente planejadas de acordo com a realidade dos/as alunos/as. Planejar, não significa apenas prever resultados desejáveis, mas criar soluções, tomar decisões e principalmente projetar a evolução dos resultados.

Neste sentido, o/a professor/a deve estar preparado/a para situações e resultados imprevisíveis. Assim como cada criança é um ser com características distintas cada uma poderá reagir à atividade de forma diferente, cada qual com suas particularidades e de acordo com suas realidades.

O educador é um mediador, um organizador do tempo, do espaço, das atividades, dos limites, das certezas e até das incertezas do dia a dia da criança em seu processo de construção de conhecimentos. É ele quem cria e recria sua proposta político-pedagógica e para que ela seja concreta, crítica, dialética, este educador deve ter competência para fazê-la. (SANTOS, 1997 apud JUNIOR, 2019, p.33).

Isso mostra o quão importante é a formação de professores/as, já que ela favorece o crescimento profissional, e contribui dessa forma para que possam planejar suas atividades dentro da realidade das suas salas de aula, o que pode o levar a refletir sua prática e questionar o que obtêm êxito e o que não funciona. Dessa forma, aprimorar as atividades, garantido as crianças negras um ensino condizente com a sua realidade e seu conhecimento social e cultural.

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir a criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e a interação com outras crianças. (BRASIL, 2010, p.18).

O desenvolvimento das metodologias para o ensino infantil exige cuidado e atenção para estimular o gosto das crianças pelo aprendizado. Neste nível, elas necessitam de atenção constante. Desenvolver atividades lúdicas, não é o mesmo que deixá-las à vontade pra se divertirem, mas criar situações onde a brincadeira e o aprendizado façam parte da mesma realidade.

Nesta fase também é importante que sejam trabalhados os conteúdos referentes à história afro-brasileira e africana. Sendo a brincadeira uma forte colaboradora para se trabalhar qualquer conteúdo, o/a professor/a terá nela uma grande aliada para trabalhar a diversidade racial.

O resgate de algumas brincadeiras antigas de origem africana despertará muito interesse nas crianças, pois, a maioria delas, fez parte da infância de seus pais e avós. Através

delas, podem-se trabalhar vários aspectos da cultura africana, como a musicalidade, as vestes, e os costumes deste povo.

Refletindo sobre o brincar como um eixo fundamental no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, o/a professor/a deverá revisitar sua memória e trazer jogos, brincadeiras e brinquedos que fazem parte da infância, isso traz a possibilidade de reviver sentimentos, sensações, diferentes culturas e linguagem.

Para Luckesi (2015):

Ensinar e aprender através do brincar entre as crianças, corresponde ao ensinar e aprender entre seres humanos de outras idades, tendo como meta ludicidade como experiência interna; no caso, importa estarmos cientes de que cada idade tem suas especificidades. (LUCKESI, 2015 *apud* JUNIOR, 2019 p. 35).

No entanto, professores/as precisam ter um comportamento respeitoso com as crianças negras, ou não. Cuidando para que elas não sejam expostas ao ridículo ou passem por situações constrangedoras. Pois muitas vezes o adulto faz com que se criem situações de insegurança nas crianças, para que estas possam obedecer-lhes. Prejudicando assim a sua autonomia.

Sendo assim, cabe ao/a professor/a despertar a valorização do/a outro/a, da diversidade racial e das especificidades de cada ser humano. Sobre essa questão Praxedes (2010) ressalta que:

Como a escola é o espaço privilegiado de socialização e de convivência, é nela que se deve iniciar a nossa formação para a convivência com o outro não idêntico, o diferente. A escola deve ser o exemplo de como queremos que seja a convivência nas outras esferas da vida social. (PRAXEDES, 2010, p. 48).

É na escola que percebemos como a sociedade influencia no comportamento das crianças. Pois a discriminação praticada pelas crianças é fruto de reprodução dos comportamentos das pessoas que as rodeiam. Por isso a importância do/a professor/a desde cedo abordar conteúdos que promovam a conscientização dos pequenos, que são sim capazes de entender e perceber as diferenças de maneira positiva, aprendendo assim a valorizá-las.

Sabe-se que uma criança que convive com pessoas racistas, inconscientemente irá concretizar tais atitudes e aos poucos elas serão naturalizadas. Desta forma, ignorar os

questionamentos a respeito do racismo, irá desencadear a construção de adolescentes e, mais tarde adultos racistas.

Uma criança que sofre racismo terá que conviver com uma série de consequências como se auto rejeitar e rejeitar os demais iguais a ela, desenvolver baixa autoestima, negação da sua identidade, dificuldade de aprendizagem e até mesmo se recusar a ir à escola.

Mas, o racismo não acarreta consequências negativas apenas nas crianças negras. As brancas também desenvolverão sentimentos como concretização de um falso sentimento de superioridade: étnico, intelectual, estético, cultural. Além de perpetuar o racismo, o preconceito e discriminação em outras relações, fora do contexto escolar.

Por esse motivo o/a professor/a precisa estar preparado/a para criar situações de respeito ao próximo, independente da sua cor, cultura ou classe social. Desenvolver atividades que possibilitem as crianças negras, sentimentos de protagonismo, para que ela saiba lidar com situações do seu cotidiano. Como defende Cury (2013) em relação à formação do/a professor/a: “Seu objetivo é educar a emoção, aumentar a autoestima, desenvolver a solidariedade, a tolerância, a segurança, o raciocínio lógico, a habilidade de trabalhar perdas e frustrações” (CURY, 2013, p.82).

A formação docente é importante não só pelo fato de professores/as precisarem dominar o conteúdo referente às relações étnico-raciais, mas também porque eles devem estar conscientes de que as crianças negras precisam de atenção e cuidado. Pois muitas vezes, essas são esquecidas na sala de aula. Em relação a seus posicionamentos, dúvidas e até mesmo à suas necessidades cotidianas.

Outra questão que é corriqueira é em relação às crianças negras na creche, onde os bebês negros são deixados chorando por bastante tempo pelos/as professores/as, sem que estes deem nenhuma assistência ou consolo. Por serem considerados carentes, como se as crianças brancas já tivessem as suas necessidades supridas apenas pela cor de sua pele.

O contato físico é fundamental para autoestima da criança, pois as crianças se sentem protegidas e amadas. Assim, o toque não deve se restringir ao consolo, mas ele deve ser sempre estimulado através das atividades e brincadeiras na educação infantil, já que através dele, as crianças são possibilitadas a desenvolverem autonomia e percepção.

Hoje em dia, o acervo de materiais voltados para a cultura negra é amplo, principalmente no campo literário, o que é um artefato indispensável para auxiliar professores/as a trabalhar as diferenças, na formação e construção de identidades das crianças negras. A literatura infantil, encanta, promove a curiosidade, e convida a reflexão.

Além disso, têm também os brinquedos e as brincadeiras de origem africana estas podem ser utilizadas como objetos de valorização da cultura africana. Pois além de educativas, elas têm sempre uma história interessante que podem ser contada as crianças para despertar o interesse por ela. Sem contar que são dinâmicas e podem ser adaptadas para se trabalhar em várias disciplinas.

O/a professor/a precisa estar consciente de que nem sempre a atividade vai agradar todos/as alunos/as e para isso ele deve estar preparado/as para situações em que muitas vezes as crianças não queiram participar, nesse caso ele/a deve deixar a criança à vontade para participar ou não. Mas, sempre desenvolver estratégias para que as crianças tenham vontade de participar posteriormente.

As brincadeiras afro-brasileiras como a capoeira e terra-mar, são excelentes estratégias para promover a participação dos/as alunos/as, pois estas são atrativas. Além de a maioria delas exigir um grupo numeroso para ser executada, o que faz com que as crianças ao verem seus colegas participarem sintam o desejo de participar também. Outro fator relevante para as brincadeiras, é que as crianças precisam mover-se, correr, pular, gritar e também por expressarem a linguagem corporal.

Mas é preciso que o/a professor/a, crie um ambiente favorável para que a brincadeira possa alcançar o objetivo esperado. Pois dessa forma, os/as alunos/as se familiarizem com a temática e assim, se doem à atividade conforme ela exige. Como aponta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Educar é propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p.23).

Dessa maneira, o/a professor/a deve ter em mente que construir a autoestima das crianças negras é um processo que requer tempo. Assim como desenvolver nas crianças não negras consciência de respeito e valorização da diversidade. Por isso, a necessidade de trabalhar tais conteúdos rotineiramente, já que essa temática ainda não faz parte do currículo escolar, mesmo que seja nossa história.

Contudo, é preciso atentar para que esses conteúdos não sejam repetitivos, fazendo com que as crianças percam o interesse pela temática. A brincadeira possibilita inúmeras formas de trabalhar o conteúdo, no qual as crianças são protagonistas de sua aprendizagem.

2.1 – Formação docente

Sabe-se o quão importante é a formação do/a professor/a. Seja inicial ou continuada, sobretudo, pós-aprovação da lei 10.639/2003, que torna obrigatório a implementação de conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no ensino básico em todas as escolas do território nacional. A qual prevê que:

Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º. O Conteúdo programático a que se refere o caput desse artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Art. 79-B. O Calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Com a aprovação da Lei 10.639/2003, visa-se que ela seja aplicada nos currículos escolares. Mas, na maioria das vezes ela está presente apenas no Projeto Político Pedagógico, e na realidade escolar, acaba sendo deixado de lado.

É importante pensar na formação de professores/as, como mecanismo de aperfeiçoamento, mas, também de conhecimento. Para que possam construir uma prática pedagógica que venha oferecer conteúdos relevantes sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Já que muitos professores/as sequer conhecem os temas relacionados às relações étnico-raciais. E acabam por tanto, abordando tais conteúdos de forma superficial e em momentos pontuais.

A formação continuada de professores/as da educação básica deve ter o objetivo de fazer com que professores/as possam desenvolver esses conteúdos em suas aulas, elaborando-as a partir de temas previstos na lei. Objetiva-se também oferecer conhecimento para os que não possuem em sua base aprofundamento e para os que possuem, levando-os a refletir a importância de contemplar a cultura da África e história do negro no Brasil. Já que esse

assunto é abordado sempre de forma resumida, limitando-o à história da escravidão e da colonização da África.

Um número ainda relevante de professores/as, tanto de instituições públicas, como privadas, tende a desenvolver sua prática usando uma única perspectiva: a da escravização do povo negro. Em muitas situações, isso não ocorre apenas pela falta de conhecimento do/a professor/a. Mas, também porque ele/a não se identifica com tais conteúdos. Seja por não ter segurança em relação a como os/s alunos/as irão reagir, seja por ele/a não considerar relevante pelo fato de ainda estar preso aos conteúdos de modelo eurocêntricos ou ainda por negar que existe racismo no ambiente escolar.

O/a professor/a precisa possuir domínio do conteúdo sobre essa temática, para elaborar as suas aulas, para que possa aplicá-lo em diferentes ambientes. Como salas de informática, brinquedotecas, salas de leitura e bibliotecas. Podendo assim, desenvolver o seu trabalho de forma que os/as alunos/as possam aproveitar o máximo do conteúdo, desconstruindo estereótipos e preconceitos em relação à pessoa negra.

Como citado anteriormente, as brincadeiras afro-brasileiras são caracterizadas por sua capacidade de interação e movimento. Assim, elas poderão ser utilizadas nos mais diversos ambientes para que as crianças possam ter o máximo de aproveitamento. Como por exemplo, em um campo de futebol. Onde as crianças terão espaço suficiente para se movimentarem.

Por isso o/a professor/a deverá ter um conhecimento aprofundado sobre as brincadeiras, para que ele possa adaptá-la caso seja necessário, ou seja, poderá mudar a forma de como irá trabalhar tal brincadeira com a turma. Pelo fato de muitas brincadeiras serem uma adaptação de várias culturas o que resultou em determinada brincadeira.

Um exemplo disso é a brincadeira de pular corda. A brincadeira original é desenvolvida com duas pessoas girando a corda para que outra possa pular. Mas essa brincadeira poderá ser feita também em grupo, onde a turma fica em forma de círculo e uma é escolhida para ficar no centro girando a corda que geralmente tem um objeto preso na ponta pra que haja maior precisão no giro. Assim, todas as crianças da turma poderão participar ao mesmo tempo.

Assim como na brincadeira, o/a professor/a poderá adaptar também outros materiais para que estes estejam de acordo com a realidade dos/as alunos/as. E estes por sua vez, possam encontrar sentido nos materiais que estão utilizando.

Contudo, o/a professor/a deverá repensar suas práticas, e conseqüentemente o material didático a ser utilizado, porque mesmo diante dos avanços tecnológicos, o livro didático

ainda é um material muito influente e muitas vezes, o único material impresso que os/as alunos/as têm acesso.

Assim, os currículos anteriores devem ser revisados, principalmente os dos cursos de pedagogia, os quais precisam possibilitar aos/as futuros professores/as da educação básica condições a que desenvolvam um novo olhar sobre a temática. Como enfatiza (GOMES):

A implementação da Lei nº 10.639/03 depende não só de ações e políticas intersetoriais, articulação com a comunidade e com os movimentos sociais, mudança nos currículos das Licenciaturas e da Pedagogia, mas também de regulamentação e normatização no âmbito estadual e municipal, de formação inicial, continuada e em serviço dos profissionais da educação e gestores (as) do sistema de ensino e das escolas (GOMES, 2012, p. 24 e 25).

Assim, a formação docente deve estar pautada no desenvolvimento juntos aos estudantes, de valores e atitudes que contribuam para a formação de cidadãos críticos e não racistas. Já que ela deve ser compreendida como um fenômeno social que reflete na sociedade.

Os cursos de formação devem ter o objetivo de despertar no/a professor/a o princípio da reflexão, pois estamos inseridos em um mundo de constantes mudanças. Assim, é essencial que ele reflita sobre currículo e trabalhe as diferenças de forma a incluir os/as alunos/as que estão à margem, levando-os a elevar sua autoestima, de modo que se sintam representados/as nas aulas quando o assunto for história e cultura afro-brasileira e africana como cidadãos que construíram a história deste país. Conforme afirma Gomes (2007):

A incorporação da diversidade no currículo deve ser entendida não como uma ilustração ou modismo. Antes, deve ser compreendida no campo político e tenso no qual as diferenças são produzidas, portanto, deve ser vista como um direito. Um direito garantido a todos e não somente aqueles que são considerados diferentes. (GOMES, 2007, p.30).

Nesse sentido, é importante que o/a professor/a saiba conduzir o conteúdo, para que os/as alunos/as negros/as ou não, possam conviver harmonicamente, e saibam respeitar a cultura afro-brasileira, conscientes de que esta faz parte da vida de todos/as.

Desta maneira, as brincadeiras afro-brasileiras tem papel importante na construção da identidade das crianças negras, pois tais brincadeiras promovem a interação e a socialização delas, de modo que percebam características que estão presentes no seu “eu”,

despertando assim consciência de igualdade entre eles enquanto brincam e conseqüentemente levam essa consciência para a vida.

A escola não pode permitir que práticas racistas e discriminatórias se reproduzam no seu interior. Assim, a formação continuada de professores/as deve contribuir para que haja reflexão sobre o papel docente na construção de valores.

Assim, pensar uma formação docente que considere a diversidade humana implica considerarmos os valores, as normas, os discursos, os princípios que os sujeitos interiorizaram ao longo de suas trajetórias de vida e, ainda a forma como os exteriorizam, transformando-os em atos diante da realidade objetiva (DINIZ, 2011, p.47).

Desse modo, a formação não deve ser vista como um acúmulo de certificados. Mas, um momento, cujo objetivo é auxiliar o/a professor/a aperfeiçoar a sua prática e lidar com as demandas que exige a sua profissão. Rompendo assim, com pensamentos e atitudes que podem perpetuar os processos racistas e discriminatórios.

À escola, é atribuído um papel essencial no cenário educacional, pois ela é um lugar privilegiado, no qual se reflete o desafio das relações sociais. No entanto, Pereira (2007) alerta que “é importante encontrar uma maneira correta de abordar determinada questão, para não cair na redundância ou comodismo de trabalhar assuntos rotineiros de caráter conteudista” (PEREIRA, 2007, p.15).

Assim, a formação deve ser perene na vida dos/as professores/as a ponto de influenciar na construção de um currículo dinâmico e fundamental que o leve a desconstruir identidades negativas do povo africano. Onde se busque mediar o aprimoramento da prática pedagógica e a implantação de ações afirmativas no combate às práticas discriminatórias. Permitindo assim, que todas as crianças negras possam conhecer sua ancestralidade e se identificar de forma positiva.

O papel do/a professor/a vai além dos conhecimentos teóricos, por isso os cursos de formação continuada preveem que tenha participação ativa na realidade escolar, ou seja, que possa vivenciar na sua prática, os conhecimentos que a formação lhe proporcionou.

A brincadeira deve possibilitar ao/a professor/a o desbloqueio de suas resistências em relação ao lúdico. Enxergando esse recurso como facilitador da aprendizagem dos alunos, mas, também da sua prática. Dessa maneira, é necessário que se tenha a compreensão do que a brincadeira possibilita à criança, para que a prática do brincar não seja apenas mecânica,

mas que se tenha consciência do seu objetivo. Conforme destaca o Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil:

É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na instituição, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Consequentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar. (RECNEI, 1998, V1, p.28)

Nesse sentido, a formação continuada significa preparar o/a professor/a de forma mais complexa, para que ele possa acompanhar as inovações educacionais, ajudando-o a ter maior autonomia para transferir o conhecimento formal, ciente da sua responsabilidade de ser capaz intervir no tratamento de igualdade a todos/as os/as alunos/as.

Contudo, ela não deve ser um processo homogêneo, monocultural. Mas, deve ser vista como inacabado e permanente. Deve estar em constante construção e transformação visando à reflexão da prática docente, que permita a intervenção nas ações cotidianas, trazendo para as discussões a presença das diversidades que existem no contexto educacional.

Dessa forma, é importante salientar que o diálogo é um critério para combater as práticas discriminatórias existentes na escola. Pois a educação se dá mais efetivamente por meio da troca de experiências tanto entre alunos/as e professor/a, quanto entre os próprios colegas. Para isso, é importante que o/a professor/a saiba conduzir o diálogo onde haja a valorização das diferenças e o respeito mútuo. Acerca dessa questão Arroyo *apud* Santos (2016) afirma que:

O diálogo tem privilegiado estratégias de combate ao racismo na sociedade e no sistema através de ações educativas. O racismo é visto como um problema cultural, moral, de mentalidades, logo seu combate passa ser caracterizado como uma intervenção educativa, pedagógica e, conseqüentemente, dar ênfase em intervenções no sistema escolar visto como um dos espaços educativos por excelência, como um espaço pedagógico e cultural, capaz de mudar imaginários, valores, culturas e condutas (ARROYO, 2010, *apud* SANTOS, 2016 p.51).

Nesse sentido, o diálogo deve ter sentido e compreender que as práticas racistas estão presentes, estas devem ser postas no centro das discussões e ações educativas, e essas por sua vez, devem contribuir para combatê-las. Até mesmo as práticas essencializadas, que estão impregnadas na mente de alguns professores/as, pelo fato de que a sua formação não favoreceu a valorização das diversidades.

As questões raciais precisam ser tratadas com sensibilidade, pois não é fácil falar sobre situações de racismo, discriminação e preconceito. Pois muitas vezes é preferível o silêncio ao se assumir como objeto de discriminação. Mas o silêncio não resolve o problema, pelo contrário, o modo como às práticas são ocultadas reforça o racismo e o mantém seja na sala de aula, na escola, ou na sociedade.

Todavia, a luta por uma educação antirracista deve ser contínua. É necessário que se reconheça e valorize o processo que marca a diversidade racial e cultural. O movimento negro sempre buscou por melhores condições de vida e trabalho. E para isso, sempre se pensou na educação como meio. Como ressaltam Gomes e Silva (2011):

Os ativistas de Movimentos Negros reconhecem que a educação não é a solução de todos os males, porém ocupa lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre “os outros”, contribui na formação de quadros intelectuais e políticos e é constantemente usada pelo mercado de trabalho como critério de seleção e exclusão de outros. (GOMES e SILVA, 2011, p.112).

Não é de hoje que o movimento negro luta pela afirmação da igualdade e com isso, vem conquistando várias mudanças que beneficiem a identidade da gente negra, nas mais variadas esferas da sociedade, principalmente no campo da educação.

Dentre as conquistas que o movimento negro alcançou, está a efetivação da lei 10.639/2003. A qual tornou obrigatório no currículo, os conteúdos de história e cultura afro brasileira e africana. Isso mostra o quão importante é insistir na luta pela igualdade racial. Por isso se faz necessário que as crianças tenham acesso a tais conteúdos desde a educação infantil. Para que cresçam conscientes de que a diversidade racial é um fator positivo pra a construção da sociedade.

Apesar da luta, o movimento negro ainda tem muito a conquistar. Pois mesmo tendo avançado o número de anos de estudo de negros e negras continua desigual em relação às pessoas brancas.

Nessa perspectiva, a formação de professores/as deve propiciar maior acolhimento e representação em relação aos/as alunos/as negros/as. Para que o índice de permanência desses alunos/as na escola seja aumentado. Já que o currículo eurocêntrico, não permite a eles/as conteúdos que deem sentido ao seu cotidiano escolar.

Sabendo o quanto a educação é importante na vida de qualquer indivíduo, é necessário que se ofereça educação de qualidade. Esta não existe se não for pautada na diversidade. Desse modo, a educação deve valorizar a diversidade de raça e cultura, e formar

cidadãos/ãs conscientes e capazes de combater o racismo. Por isso, a formação docente deve ser contínua e precisa ser sempre retomada no cotidiano escolar. Visto que esse processo favorece a própria a docência.

O desafio para o campo da didática e da formação dos professores no que se refere à diversidade é pensá-la na sua dinâmica e articulação com os processos educativos escolares e não escolares e não transformá-la em metodologias e técnicas de ensino para os ditos “diferentes”. Isso significa tomar a diferença como um constituinte dos processos educativos, uma vez que tais processos são construídos por meio de relações socioculturais entre seres humanos e sujeitos sociais entre seres humanos e sujeitos sociais. (GOMES e SILVA, 2011, p.16).

Contudo, para que esse trabalho seja realmente efetivado, é preciso planejamento, de modo que as políticas públicas sejam implementadas e o trabalho se realize de forma coletiva e a escola passe a ser vista pelo/a gestor/a como espaço de reflexão da prática pedagógica, da qual ele/a também é parte, e assim cumpra o que determina a lei nº 10.639/2003.

Tendo em vista que é de fundamental importância a formação continuada para que professores/as desenvolvam capacidade crítica e busquem a transformação da educação através da sua prática. Visto a sociedade está em constante transformação, cabe-lhes aperfeiçoassem e assim oferecer melhorias que favoreçam boas relações nos espaços educacionais.

3 - A CRIANÇA NEGRA COMO SUJEITO HISTÓRICO E SUAS BRINCADEIRAS

A ludicidade faz parte do universo da criança, e o ato de brincar possibilita que desenvolva a atenção, memória, imitação, afetividade, motricidade, cognição, criatividade e a capacidade de se relacionar com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano.

No entanto, nem sempre, a criança foi vista como um ser que precisa de atenção diferenciada por está em desenvolvimento. Essa visão foi construída ao longo do tempo. Conforme afirma Santos (1999):

Nessa nova visão, a criança como cidadã caracteriza-se por um sujeito ativo, onde a situação sociocultural, as condições econômicas, o sexo e a etnia exercem grande influência sobre ela e seu comportamento. Dessa forma, o conceito de criança passa a não ser único, mas depende de vários fatores, do contexto onde ela está inserida (SANTOS, 1999, p.9).

Contudo, no Brasil a realidade das crianças era diferente do contexto eurocêntrico apresentado acima. As crianças negras, filhas dos/as escravizados/as eram postas em situações desumanas de trabalho, as quais trabalhavam nas casas de seus donos, nas lavouras de café e algodão.

Após a aprovação da Lei do Ventre Livre a criança negra; considerada supostamente livre levaria uma vida totalmente diferente dos demais escravizados/as. Poderiam transitar livremente pelos corredores da fazenda. Mas a verdade é que desde cedo era adestrada ao trabalho escravo. A partir de 12 (doze) anos de idade o trabalho era definitivo e se mantinha em condições precárias a que seus donos as submetiam.

As crianças negras não tinham direito a escola nem a brincarem como demandava a idade. Sua infância era marcada pela inserção no mundo do trabalho. A sua condição não as livraram dos maus tratos, pois trabalhavam em péssimas condições, eram castigadas, separadas das suas famílias e na maioria das vezes ficavam marcadas físicas e psicológicas devido ao excesso de trabalho. Era no espaço familiar de seus senhores que elas assumiam atividades das quais adquiriam conhecimentos e habilidades para o trabalho.

Mesmo as crianças habitando o seio familiar de seus senhores/as, a vida de trabalho começava cedo. Meninas e meninos, filhos/as de escravizados/as, começavam a trabalhar antes dos cinco anos de idade, eram responsáveis por serviços domésticos e fazer os pedidos e dar recados de todos os membros da família, inclusive do/a seu/sua senhor/a, como pajem, moleque de recado ou criada. Lavavam os pés das pessoas da casa e dos visitantes, escovavam roupas, serviam mesas, espantavam mosquitos. Algumas eram enviadas as plantações e outras eram empregadas na cidade como vendedoras de doces e comidas.

“Algumas meninas também eram responsáveis por cuidar das crianças escravizadas menores”. Desse modo, filhos/as dos escravizados/as passavam a infância em situação de trabalho braçal tanto nas casas dos senhores, quanto nas lavouras de café e algodão. Não tinha o direito de brincar e se desenvolver tanto fisicamente, quanto intelectualmente. (SILVA e COUTO, 2019, p.6).

Na contemporaneidade a realidade de muitas crianças negras não é diferente da época da escravidão. No Brasil, no ano de 2016 cerca de 1,8 milhão de crianças trabalhavam para ajudar a família. 34,7% eram do sexo feminino e 65,3% do sexo masculino. Das quais 71,8% eram negras. Muitas delas trabalham por longos períodos apenas em troca de alimento. Algumas delas trabalham até mesmo em sua própria casa, com afazeres domésticos, comprometendo assim, a sua saúde física e psicológica.

O trabalho infantil acarreta uma série de consequências para a criança que o executa precocemente. Como desenvolvimento físico e psicológico, além de atraso em relação às demais crianças, pois passam a apresentar perda da saúde, baixa autoestima, além de contribuir para que tenha dificuldade de acompanhar o nível das atividades escolares ou até mesmo deixem de frequentar a escola. Quando permanecem na escola a aprendizagem cai bruscamente, o que faz com que se frustre, abandone a escola, o que compromete seu futuro.

Infelizmente a sociedade naturalizou a situação de trabalho da criança negra com mitos de que “o trabalho educa” ou “é melhor trabalhar do que roubar”. Nesse contexto, ela deixa de ser vista como cidadã para ser tratada como mão-de-obra. No geral não há por parte da sociedade a menor preocupação em ver uma criança negra trabalhando, pedindo esmolas ou limpando vidros de carro no sinal.

As crianças negras que trabalham na infância são oriundas de famílias pobres, muitas vezes chefiadas por mulheres que se encontram em situações de desemprego ou em condições precárias de trabalho. Por este motivo, filhos/as menores são obrigadas a trabalhar para ajudar no sustento da família. Como afirma Carvalho (1997).

As famílias vivem abaixo dos níveis de qualidade de vida considerados socialmente satisfatórios. [...] em geral, essas famílias vivem um projeto de vida corroído pela carência constante, privação, rotinas de vida lineares, baixíssimas chances de trocas culturais. São vidas severinas, apartadas, subalternizadas e excluídas (CARVALHO, 1997, p.110).

Nessas famílias, grande parte das crianças exploradas são meninas negras, que trabalham como empregadas domésticas. Esse tipo de trabalho a expõe a exploração sexual, abuso físico e isolamento, tanto social quanto psicológico. Além de ser um trabalho considerado insalubre, por ser caracterizado por movimentos repetitivos que causam lesões graves e muitas vezes permanentes. Elas ainda estão sujeitas a tendinites, queimaduras e deformidades lombares; condições resultantes do estado de vulnerabilidade em que as famílias negras vivem e da falta de políticas públicas eficazes.

O trabalho infantil no Brasil é um problema sério. Apesar de a legislação garantir proteção aos direitos das crianças é muito comum essa prática, que agrava ainda mais a pobreza e o atraso social ao qual elas estão submetidas. Sabe-se que essa prática impede crianças e adolescentes pobres de ocupar lugares que lhe são garantidos legalmente. Dessa forma, se torna inviável para elas o enfretamento da pobreza em que se encontram. Visto que somente pela garantia de seus direitos, terão oportunidades de usufruir de uma vida digna a

qual irá lhe preparar para enfrentar o futuro com condições de igualdade com as crianças que não foram submetidas ao trabalho infantil.

O trabalho infantil é uma das formas de violência contra as crianças mais difíceis de se combater, pelo fato das pessoas acreditarem que essa é uma maneira muito eficaz da criança obter espaço na sociedade. Costa (1994) salienta que:

O trabalho infantil é parte da herança trágica que vem do fundo do passado colonial brasileiro, a qual subsiste ainda hoje alimentada por elites omissas e irresponsáveis, mas que tende nos próximos anos a ser banido da nossa paisagem social. (COSTA, 1994, p.50)

Para esse autor são notórias as demonstrações de que apesar da situação de violência e condições degradantes, ao trabalhar ela começa a ocupar um espaço privilegiado em setores específicos da sociedade. É vista como alguém que contribui para o sustento da família, e garante aprendizado que a preparará para a vida adulta.

Muitas meninas que trabalham como empregadas domésticas, não recebem pagamento por seu trabalho. Segundo o IBGE, quase metade não recebe ou tem rendimento inferior a ¼ do salário mínimo. Os dados mostram que a região nordeste tem cerca de 70% de meninas que não tem nenhum rendimento ou recebem menos de ¼ do salário mínimo, enquanto os meninos que desenvolvem a mesma atividade na mesma região o número cai para 35%.

Com todos esses dados à desigualdade que há entre as pessoas negras e brancas, seja entre os adultos ou crianças e em todas as esferas da sociedade que obstaculiza e chega a impedir as pessoas negras de adquirir as condições dignas de vida e de crescimento profissional.

Infelizmente essa diferença começa no lar e se expande na sociedade. Muitas vezes a desvalorização começa na própria família. Seja pelo fato de não reconhecer o valor do outro, seja por não acreditar na perspectiva de uma vida melhor, devido os conceitos coloniais de que a pessoa negra nasceu para o trabalho pesado prevalecer. Ou de que negros/as são mais resistentes que os brancos, portanto, aptos/as ao trabalho braçal, o que faz com que desde cedo sejam submetidas às situações de violência e exploração no mundo do trabalho informal.

A violência e os castigos contra as crianças negras não cessaram junto com a abolição da escravidão. Na contemporaneidade ainda existem castigos cruéis contra elas, conforme nos mostra a pesquisadora Melo (2010, p.48) ao revelar que em uma pesquisa na

escola, percebeu que uma criança negra fazia pouco caso das advertências que a professora impunha aos/as alunos/as. Em uma conversa particular com a criança, ela revelou que quem dava castigos ruins era a sua avó.

Pesquisadora: - O que acontece se você xingar na sua casa? Criança: (levanta a cabeça com ar de riso) – Minha vó bota pimenta na boca, dá uma tapa na boca e bota ovo quente. Pesquisadora: - o quê? Não escutei. Criança: - Um ovo cozido na boca (MELO, 2010, p.48).

Esse depoimento nos leva a refletir sobre o conto: Negrinha, de Monteiro Lobato. Que conta a história de uma garotinha negra de apenas sete anos de idade, órfã aos quatro, era escravizada e realizava trabalhos domésticos. E por causa de ter xingado outra escravizada, sua dona pôs um ovo quente em sua boca. Um castigo horrível que nos faz pensar que foi apenas inventado pelo autor, mas que infelizmente ainda acontece na realidade.

Infelizmente, a situação de castigos, agressões físicas e psicológicas faz parte da realidade das crianças. Especialmente as crianças negras que estão inseridas em um contexto social de precariedade educacional, social, cultural e econômica que as deixam às margens da sociedade, a mercê da exploração do trabalho infantil e tantas outras situações desumanas. Uma realidade que rouba delas a infância, principalmente porque são privadas de serem crianças, e como tal brincar, estudar e ter um desenvolvimento saudável que lhes possibilite um futuro digno.

3.1- o que é infância?

A infância nunca recebeu tanta importância quanto na contemporaneidade. Nesses tempos ser criança significa ter uma série de direitos assegurados por lei, como saúde, educação, nutrição; direitos fundamentais para que se desenvolva de forma saudável. De acordo com a ECA (1990, art.2º), considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes são as pessoas com idade entre doze e dezoito anos de idade.

Toda criança é criança em qualquer lugar do mundo e em todos os períodos, o que mudam são as formas como são tratadas pelos adultos em cada período. Em alguns períodos, estas eram vistas apenas como adultos não crescidos e serviam para trabalhos menos complexos, por isso, eram obrigadas a contribuir nas tarefas como qualquer adulto. Por isso, eram submetidas a longas jornadas de trabalho, cuja atividade fosse considerada por um

adulto condizente a sua estrutura física, o que fazia com que fosse exposta muitas vezes à fome e ao cansaço.

As crianças não tinham direitos, como a educação; a educação das crianças negras ou não negras era baseada nos ensinamentos religiosos. A perspectiva era a de que se tornassem adultos dignos, por isso, era sempre punida com algum tipo de castigo físico para que assim aprendessem desde cedo a serem obedientes.

Durante a idade média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida. (ARIÈS, 1973, p.279 apud BARBOSA, 2018, p.52).

Na idade moderna a criança era vista como um ser dependente dos adultos. A partir do comportamento de dependência, criou-se o pensamento de que era necessitada de cuidados e atenção. Apesar disso era ainda vista como irracional e precisava ter o comportamento moldado e disciplinado. Compreendida como irracional, não era capaz de sozinha ter atitudes valorizadas socialmente.

Como não havia uma preocupação maior com essa fase da vida, o período era marcado pelo alto índice de mortalidade. Ora, sendo seres tão transitórios não valia a pena se dedicar-lhe sentimentos mais profundos e duradouros. Assim as crianças eram deixadas para serem criadas por serventes, amas-secas até que pudessem ter certa autonomia para o convívio com os adultos e chegassem a lhes ocupar o lugar. (AMARILHA, 2002, p.126).

A partir de então, buscou-se maior controle em relação aos movimentos da criança e para tanto, foi necessária uma rígida disciplina infantil como mostra um provérbio da época:

Quem não usa a vara, odeia seu filho. Com mais amor e temor castiga o pai ao filho mais querido. Assim como uma espora aguçada faz o cavalo correr, Também uma vara faz a criança aprender (LEVIN, 1997, p.230).

A partir das ideias de Rousseau (1995), considerado um dos primeiros pedagogos da era moderna, a criança passou a ser vista de maneira diferente como nunca havia sido. Esse pensador propôs educação sem juízes e prisões. Com isso mudou a função do Estado, a

responsabilidade e o interesse pela criança passaram a ser uma constante. No entanto, a sociedade determinou a padronização de como deveria ser a criança. Não se levou em consideração que ela precisava de experiências para construir o seu ser, e que a sociedade não pode impor suas características e peculiaridades.

Com a institucionalização da escola o conceito de infância transformou-se. A partir de então, se desenvolveu uma pedagogia voltada para as crianças. Nos tempos atuais tem sido facilmente separado as faixas etárias e a função de cada idade. Além de termos espaços exclusivos para cada faixa etária. Para a infância foram reservadas as creches, escolas, locais de lazer, etc.

Se por muito tempo a infância foi tratada de forma desinteressada, após um longo período surgiu o sentimento de piedade em relação às famílias. Pois havia um número alto de mortalidade infantil, principalmente entre as famílias mais pobres que precisavam de seus trabalhos para sobreviver, pois era visível a necessidade de ambientes especializados que pudessem cuidar das crianças enquanto os pais trabalhavam.

Embora as creches cuidassem das crianças, a sua criação beneficiou mais os adultos do que elas. Por isso, se limitavam aos cuidados básicos de saúde e higiene e não se levava em consideração a educação.

Após a criação do Instituto de Proteção à Infância, no Rio de Janeiro em 1899 pelo Dr. Moncorvo Filho, cuja intenção era valorizar a primeira infância deixada de lado pelo governo, surgiram as instituições de pré-escolas com o caráter de prestar assistência às crianças mais pobres. Isso remete a ideia da educação infantil como dever do Estado, conforme temos atualmente, considerada desde a constituição de 1988. A partir daí surgiram também os jardins de infância com caráter educativo e menos assistencial.

Desde então passou a se pensar na educação como prática de cuidado pedagógica. A noção de que a criança precisava também ser educada se tornou uma preocupação social. Então o discurso de que a educabilidade na infância era importante se fortaleceu e ganhou espaço na sociedade. No início do século XIX a educação no Brasil foi pensada como um fator de civilização, baseada no contexto europeu.

Desta forma, os questionamentos a respeito da infância se iniciaram com a chegada dos jesuítas. Que pregavam a ideia da criança como um ser “puro e inocente”. Por isso, trouxeram a proposta de educação cristã, fundamentada na catequização das crianças com o intuito de conservar a sua pureza até a puberdade.

Mas as propostas de cuidado e educação dos jesuítas, não conseguiu incluir as crianças órfãs e abandonadas. Por isso foi criada a “Roda dos Expostos”; casas de cuidados

com a saúde e higiene. Nela as crianças deixadas sob os cuidados dos/as religiosos/a viviam de forma acoplada em hospitais, onde os pais pobres e sem condições de criá-las também abandonavam para que fossem cuidadas pelas irmãs de caridade. Era melhor deixar a criança na roda dos expostos, a abandoná-la nas ruas.

Contudo, médicos higienistas alegavam ser a taxa de mortalidade infantil alta, razão porque a Roda dos Expostos passou a ser criticada e em seguida, foi extinta.

A partir do século XIX e início do século XX, a infância ganhou maior visibilidade e começaram a ser criadas políticas que garantissem direitos de proteção, campanhas de vacinação, projetos que promovessem a saúde e educação de todas as crianças.

Hoje, as pesquisas demonstram que a criança é ser ativo social e histórico reconhecendo que tem identidade social própria, da qual faz parte e produz cultura. Por isso é de grande importância que se reconheça a multiplicidade das infâncias como afirma Sarmento:

As crianças são seres sociais e, como tais,, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social : a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças. (SARMENTO, 2007, p.10).

Apesar de não atender a contento, no Brasil há políticas públicas que garantem os direitos à vida, saúde, educação, lazer entre outros que possibilitam o desenvolvimento saudável e que estão previstos em lei. Como a Constituição Federal quando afirma que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde e alimentação, à educação, ao lazer à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração e violência, crueldade e opressão (BRASIL, MEC, 1988).

Além da Constituição Federal, temos também o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); aprovado por meio da lei 8.069/90, que garante a criança todos os direitos e também a proteção integral. Como pode ser visto no art. 4º desse documento:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos

referentes à vida, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, ECA, 1990)

Apesar de tudo isso, o tratamento destinado às crianças ainda é deficitário. Desde muito cedo, as crianças são escolarizadas, algumas com apenas meses de vida começam a frequentarem as creches. Com profissionais especializados em educação infantil, porém esses tem a finalidade de cuidar delas, o que faz com que a convivência com os adultos seja restrita. Nesse processo há a inferiorização da criança em relação ao comportamento dos adultos, uma vez que prevalecem a autoridade dos/as professores e a inferiorização da criança, considerada uma pessoa em miniatura, que deve ser moldada de acordo com as regras da instituição.

Em muitas situações, os/as professores/as que atuam na educação infantil não se preocupam em fazer parte do processo de aprendizagem das crianças, ou seja, se restringem ao papel de ensinar. Não participam das brincadeiras com elas, não conversam intimamente com elas, e muitas vezes nem dão importância às carências que elas apresentam, o que as levam a se sentirem desamparadas, ignoradas e rejeitadas.

Na relação do adulto com a criança há a construção hierarquizada de poder. As crianças logo ao frequentarem as creches são ensinadas a obedecer à hierarquia na qual o/a professor/a é dono da autoridade e ela o sujeito obediente das regras. Elas precisam de autorização para tudo inclusive ir ao banheiro e beber água. Algumas vezes não recebem permissão, tornando-as sujeitos sem autonomia e dependentes.

Isso acontece geralmente porque o/a professor/a visa combater a indisciplina na sala de aula, o que nem sempre ocorre. Pois as crianças pequenas estão indo para este ambiente pela primeira vez e não sabem como lidar com o comportamento exigido, uma vez que estão ainda se adaptando a convivência de um grupo ainda desconhecido por elas. Cada um está acostumado a seguir as regras de suas famílias que possuem características diferentes, e modos distintos de convivência.

Outro fator que deve ser levado em consideração é em relação às atividades e o comportamento manifestado. O comportamento pode significar também uma forma de a criança expressar que a atividade não está fazendo sentido para ela. Que ela não faz parte do contexto social a qual está inserido. Assim, cabe ao/a professor/a identificar as diferentes formas de indisciplinas e as possíveis causas de tais comportamentos. Por isso, além de mostrar que o comportamento não é aceito, ele/a deve buscar estratégias que possam criar

relação de confiança com a criança. Pois as atitudes demonstradas pela criança, na maioria das vezes são apenas pensadas com o fim de alcançar seus objetivos, como mudança de atividade, por exemplo.

É fundamental que o professor trabalhe em parceria com a família, o que possibilitará conhecer melhor as particularidades da criança, principalmente porque antes de entrar na creche, os pequenos receberam formação da família. Isso contribuirá significativamente na formação de valores e limites que serão vividos tanto dentro, quanto fora da creche e da escola.

3.2 – Cultura

A cultura faz parte da vida do ser humano desde os primórdios. É uma necessidade da humanidade se organizar em grupos para viver. Cada grupo tem sua história, seus costumes, suas vivências e assim, sua cultura. Quando se fala em cultura nos vem uma gama de conceitos os mais comuns são os que se referem à pintura, escultura, teatro, música. Depois surgem outras ideias do que é cultura como a religião, as crenças e lendas, as vestes, os rituais sagrados, as festas, a comida e o idioma.

Não podemos pensar em cultura como algo acabado e estagnado. A cultura é dinâmica, assim como a sociedade, ela se transforma. Entender a cultura é fundamental para entender as transformações pelas quais a sociedade passou e continua passando. Além disso, as sociedades estão em constante transformação, os sujeitos em interação e cada qual tem sua maneira própria de funcionar. Para que sejam evitados conflitos e criação de estereótipos, cada cultura deve ser entendida nos seus contextos particulares.

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo. (LARAIA, 1986, p.90).

O termo cultura não deve ser ligado apenas a um lugar, ou região, pois a cultura pertence às pessoas estas por sua vez participam de algumas comunidades culturais em comum. As pessoas mesmo fazendo parte do mesmo país têm suas culturas distintas umas das outras. Pois elas podem fazer parte de regiões diferentes, ter nascido em épocas diferentes, ter suas religiões diferentes, orientação sexual e tantas outras particularidades.

Assim sendo, cultura é conceituada como o conjunto de características comuns de comportamento de um grupo como afirma Da Mata:

Para nós, “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de “civilização”, mas maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classifica, estudam se modificam e modificam o mundo e a si mesmas (DA MATTA, 1986, p. 123).

Sempre houve uma preocupação ou mesmo a necessidade de conceituar o termo cultura, seja para diferenciar as populações humanas entre si, ou para diferenciar a espécie humana dos animais. Mas sempre se teve dificuldade para concretizar essa definição. Por causa da diversidade de costumes presente em cada povo. Então se buscou usar a palavra cultura para definir a totalidade das características e condições de vida de um povo.

No entanto, cultura pode se referir à “alta cultura”, ou seja, a cultura dominante, como a qualquer cultura. Na primeira definição, ela se opõe a selvageria, ligando a sua definição a própria marca da civilização, ou marca das camadas dominantes da população que se opõem a falta de domínio da língua escrita, a falta de acesso à ciência, a arte e a religião das classes dominantes. No segundo caso se refere a qualquer povo, ou grupo.

Na América Latina e mais especificamente no Brasil, as discussões sobre cultura remetem a uma história de contribuições culturais de múltiplas origens. Por causa da povoação de vários povos no período colonial. Por isso, se torna difícil definir a identidade brasileira; conhecida por outros países como exótica.

Mesmo a sociedade brasileira constituída por grupos de diferentes culturas, nossas características fazem parte de um modelo comum de brasileiro, pois todos nós falamos português, e nos identificamos uns com outros em muitas outras características, ainda que não nos identifiquemos com todas elas. Da Matta relaciona nossa cultura em contraste com a dos Estados Unidos.

Sei então, que sou brasileiro e não norte-americano, porque gosto de comer feijoada e não hambúrguer; porque sou menos receptivo a coisas de outros países, sobretudo costumes e ideias; porque tenho um agudo sentido de ridículo para roupas, gestos e relações sociais; porque vivo no Rio de Janeiro e não em Nova York; porque falo português (...) (DA MATTA, 1894, p.16).

A cultura brasileira também é marcada pelos fortes laços familiares, pela proteção que as pessoas têm umas pelas outras e laços familiares. A referência é a casa como ambiente de confiança e acolhida. Apego ao lugar em que vive, tendo-o como “minha terra”; lugar onde se encontra paz e realização.

Com o passar do tempo e a transformação da sociedade o modelo de família também mudou, muitas são compostas apenas pela mãe e filhos, ou avós e netos ou casais do mesmo sexo e filhos. Como ressalta Engels (1984, p.37), encontramos-nos frente a uma série de formas de família que estão em contradição direta com as até agora admitidas como únicas válidas. Esse modelo de família ainda não é visto com bons olhos pela sociedade. Por se perpetuar o modelo de família tradicional como padrão.

Nos dias atuais com o desenvolvimento da tecnologia e o acesso facilitado da informação, onde um evento pode ser visto pelo mundo inteiro em tempo real, as informações são difundidas através da mídia, esta por sua vez molda e constrói as práticas culturais. Como afirma Sodré:

Na sociedade mediatizada, as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais. (SODRÉ, 1996, p.29).

Para que tal evento seja visto por vários países de várias culturas, ele precisa ser de interesse mundial. É necessário que o sujeito de outro país tenha interesse pela cultura e as informações do evento do outro país. Esse fenômeno é chamado de globalização da cultura.

Nesse sentido, as crianças são produtoras de cultura. Pois a cultura sendo resultado da produção humana, está relacionada à imaginação. Assim a relação da criança com os brinquedos, gera a imitação. A qual não é produzida apenas uma vez, mas é sempre repetida.

O ato de brincar é uma experiência cultural, pois através da brincadeira a criança assume o papel de ampliar os seus conhecimentos sobre si e sobre o mundo. A brincadeira então tem importância fundamental como ferramenta de participação social, pois possibilita ressignificar a cultura.

A brincadeira apesar de ainda ver vista como algo simples e inventado pela criança, reflete valores, costumes e a forma de pensar, pois está ligada ao contexto social e cultural de quem brinca. A brincadeira está presente em todo o mundo, nas mais variadas sociedades, cada povo tem suas especificidades e por isso são tantas as formas de se brincar. Muitas

vezes a mesma brincadeira tem variadas formas de ser praticada, pois depende dos costumes da sociedade onde se está inserido.

Dessa forma, pode-se dizer que as crianças são sujeitos produtores de cultura e também são produzidas na cultura. Ou seja, conforme os costumes mudam, as formas como as crianças são tratadas e educadas também mudam. Assim, as crianças reproduzem novos valores criados pela sociedade.

Nesse sentido, por fazerem parte do contexto histórico e social, as crianças incorporam a experiência cultural do brincar por meio das relações que estas estabelecem com as pessoas que as rodeiam, sejam elas adultas ou não. Desse modo a brincadeira é alimentada através das experiências e das referências que estas têm cotidianamente.

A contemporaneidade, marcada pela influência da mídia, pela violência, e pelo consumismo tem interferido na forma das crianças brincarem. A falta de espaço nas grandes cidades é um fator que impossibilitam brincarem, o que faz com que se limitem as brincadeiras eletrônicas e fictícias, ao invés de produzirem suas brincadeiras. Sobre essa questão Brougère (2001) afirma que a televisão com suas imagens fictícias tem influenciado a cultura lúdica da criança.

A televisão não se opõe à brincadeira, mas alimenta-a, influencia-a, estrutura-a na medida em que a brincadeira não nasceu do nada, mas sim daquilo com que a criança é confrontada. Reciprocamente, a brincadeira permite à criança apropriar-se de certos conteúdos da televisão (BROUGÈRE, 2001, p. 57).

Assim, a mídia tem grande responsabilidade nas escolhas que as crianças fazem na hora de brincar, pois as influenciam a brincarem com o que é propagado como produto. Isso faz com que as brincadeiras do grupo ou comunidade deixem de ser transmitidas de geração para geração pra serem produzidas pelas crianças a partir do que a mídia oferece.

3.3– cultura afro-brasileira

A cultura-afro brasileira originada da população negra traficada da África para o Brasil na diáspora está viva até hoje e é predominantemente praticada pela população brasileira sem que esta tenha ou não consciência da sua existência.

Mesmo com os costumes europeus impostos aos escravizados, estes sempre buscaram de alguma forma preservar e praticar a sua cultura. Tanto em relação à religião, quanto a culinária e outras manifestações. Por serem proibidos de praticar a sua crença, eles

camuflavam os seus rituais com o suposto catolicismo. Para tanto, associaram cada orixá a um ou mais santos católicos, a intenção era exercerem sua religião sem serem perseguidos, o que nem sempre foi possível.

Ainda hoje ocorre perseguição às práticas religiosas de matriz africana; o que é feito por alguns intolerantes, que associam tal religião a coisa do mal, do diabo, se veem no direito de destruir templos e imagens sagradas e algumas vezes até torturam pessoas praticantes da umbanda, jurema e candomblé. A esse respeito diz Freire (2017):

Quão ausente da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não tem alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações (FREIRE, 2017, p.37).

Ele ainda completa:

A mim dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não tem mesmo nada a ver com a humildade que o pensar certo exige. Não tem nada a ver com o bom-senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 2017, p. 37).

As religiões afro-brasileiras surgiram durante a colonização, com a chegada dos africanos que aqui foram escravizados. Aos poucos elas foram se formando de acordo com cada região e por isso tem suas diferentes formas de cultos em cada região do Brasil. E também pelo fato de os elementos que deram origem aos cultos terem vindo com pessoas de diferentes nações/tribos africanas, as quais têm suas peculiaridades e suas diferentes formas de cultuar o divino.

Apesar de muito ter se perdido, e das dificuldades de se preservar, o legado deixado pelo povo negro foi formada a cultura brasileira, tanto no aspecto físico da população, quanto para que se confirmasse o que viria a ser cultura (SILVA 2014, p.29).

Mesmo com a negação, o nosso dia-a-dia é marcado pela herança africana. “Como o carnaval que faz parte da cultura popular brasileira, mas que tem origem africana e foi adaptado pela igreja, conforme o seu interesse”. (SILVA, 2014, p.30). Hoje é praticado e valorizado até pela elite brasileira. Devido a sua popularidade, ou a lucratividade advinda do consumo de bebidas, alimentos, artigos para confecção de fantasias e viagens as cidades turísticas onde as festas de carnavais acontecem e movimentam a economia.

Outro aspecto relevante do nosso cotidiano é a culinária afro-brasileira, presente em todas as mesas brasileiras, onde se destacam o mungunzá, cuscuz, feijoada, farofa, entre outros, que eram preparados e servidos às divindades religiosas cultuadas pelos negros. Na culinária, ainda são recorrentes os temperos e condimentos a base de pimentas e gengibre utilizados pelos negros e incorporados à culinária brasileira. Na cultura afro-brasileira também se incluem os utensílios usados no preparo dos alimentos, como panelas de barro e colheres de pau.

Com as brincadeiras, não foi diferente. Os negros traficados da África na condição de escravizados trouxeram consigo muitas brincadeiras que as crianças negras ao brincarem com as crianças brancas, as adaptaram a realidade brasileira, o que fez com que se mantenha na contemporaneidade atraindo e divertindo crianças, mais também incluindo e socializando-as no ambiente familiar e escolar.

Contudo, ainda há desconhecimento por parte da população em relação às bases culturais afro-brasileiras, ou seja, a nossa cultura. A população brasileira, em sua maioria, não conhece a história e não percebe a presença da cultura africana, devido à associação negativa construída acerca dessa cultura. No imaginário brasileiro a compreensão da cultura africana está associada a história da escravidão, castigos, trabalho braçal, mortes e açoites; e que tudo isso acabou com o fim da escravidão.

Por isso é importante que os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana façam parte do currículo escolar, e sejam abordados de maneira efetiva, de modo a valorizar a riqueza cultural e a identidade brasileira construída ao longo da história. É importante que esse conteúdo seja trabalhado de forma que desperte a consciência de que a cultura negra não ficou no passado, mas se mantém viva no cotidiano de cada brasileiro/a. Ela não é resultado de um único grupo, mas de várias origens étnicas, sociais e econômicas. Assim Freire (2017) salienta:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. (FREIRE, 2017, p.42).

A escola tem papel fundamental na construção de métodos que combatam as práticas discriminatórias. É importante que as propostas não fiquem apenas no papel, mas se concretizem realmente tanto no contexto da sala de aula, quanto fora da escola. Assim o/a

professor/a deve possibilitar atitudes de valorização da diversidade, reconhecimento e respeito. Para Fonseca:

A transformação do ensino de história é estratégica não só na luta pelo rompimento com as práticas homogêneas e acríticas, mas também na criação de novas práticas escolares. O objetivo do saber histórico escolar é constituído de tradições, ideias, símbolos e significados que dão sentido as diferentes experiências históricas (FONSECA, 2003, p.34).

O/a professor/a tem papel importante no desenvolvimento de uma educação baseada na valorização da diversidade cultural, social e principalmente racial. Pois são visíveis as práticas de discriminação e inferiorização contra negros e indígenas no espaço escolar e fora dele. Nesse sentido, Libâneo (1992) defende que o trabalho docente tem a função de:

[...] preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para as conquistas democráticas (LIBÂNEO, 1992, p.47).

O racismo e a discriminação racial estão presentes de forma acentuada em nossa sociedade. Por isso, a educação é base da desconstrução das atitudes discriminatórias. Nesse sentido, a escola como espaço de educação deve ser a primeira a combater a reprodução tanto em relação aos alunos, quanto em relação aos profissionais que muitas vezes praticam de forma inconsciente o racismo.

O racismo não é praticado apenas no ato da exclusão da pessoa, mas também na omissão de alguns profissionais que preferem fechar os olhos e fingir que este não existe no ambiente escolar. Seja por falta de conhecimento de como agir nessa situação, seja por estar encarcerado no seu preconceito.

Nesse contexto, os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana devem ser feitos presentes no ambiente escolar desde a educação infantil. Nessa fase, as crianças estão abertas à aprendizagem com maior aceitação do novo. Para isso, as brincadeiras são extremamente importantes como instrumento de ensino, pois a criança da educação infantil constrói sua aprendizagem predominantemente por meio da brincadeira.

Tendo em vista que a brincadeira é uma expressão corporal da criança, produzida a partir das experiências que esta adquire por meio das vivências com as pessoas que a rodeia.

Trata-se de uma expressão cultural pela qual ela expressa a sua realidade, assim, o/a professor/a, precisa empregar uma pedagogia intercultural que considere a vida dela, abra espaço para a diversidade étnica, social e de gênero.

As brincadeiras acontecem em um contexto sociocultural. Por isso elas podem ser vistas como ação educativa, pois facilitam a aprendizagem das crianças. Por meio da brincadeira, elas aprendem de forma sequencial. Por isso, o/a professor/a não deve ter pressa para que a aprendizagem surja. Esta deve acontecer de forma natural, à medida que as crianças desabrochem suas manifestações naturais de aprendizagem.

As brincadeiras afro-brasileiras além de atrativas carregam na sua composição elementos característicos da cultura africana, um exemplo disso é a brincadeira “Da Ga” que significa “Jibóia”, serpente existente na África. Desse modo é ainda mais fácil chamar a atenção das crianças para o conteúdo. Pois as brincadeiras tratam do que realmente existe. Por esse motivo foram preservadas e chegaram à contemporaneidade.

Apesar de na contemporaneidade as brincadeiras eletrônicas fazerem parte do dia a dia das crianças, as brincadeiras físicas e de movimento dão um resultado satisfatório quando utilizadas na sala de aula. Por isso, o professor deve sempre está buscando a prática de tais brincadeiras. Pois além das possibilidades pedagógicas que elas lhes permitem, ele irá contribuir para que essas brincadeiras não caiam no esquecimento.

3.4 - Brincadeiras afro-brasileiras

As brincadeiras afro-brasileiras surgiram quando as crianças filhas de escravizados/as começaram a frequentar a casa grande para servir os senhorzinhos brancos, como pajens ou criadas de companhia. Ao brincarem juntas, as crianças negras foram repassando os valores da cultura africana. Por utilizarem poucos recursos e serem atrativas, foram preservadas e se mantem na contemporaneidade.

Assim, falar das brincadeiras afro-brasileiras é remeter a ludicidade rica em conteúdos, valores, histórias, ritmos, ou seja, cultura negra. Seja pelos vestígios de cultura deixados pelos antigos povos africanos, seja nas expressões do hip hop e o samba.

Desta forma, não faz sentido limitar as brincadeiras afro-brasileiras a um determinado grupo de brinquedos. Pois estas surgiram das trocas de experiências das mais variadas misturas. Como afirma Cunha (2016):

Assim, não é possível delimitar a ludicidade negra a um conjunto fechado de brinquedos, folguedos e brincadeiras. Em verdade, nem é possível falar de uma ludicidade exclusivamente africana ou afro-brasileira, em virtude dos processos de trocas e misturas culturais, muitas vezes violentos, impostos pela colonização da África e pela lógica da Diáspora (CUNHA, 2016, p.16).

Por esse motivo é de extrema relevância abordar a cultura afro-brasileira através das brincadeiras, pois estas trazem a história do povo negro e sua cultura, o que possibilita as crianças aprenderem desde cedo a história e cultura do povo negro de forma prazerosa, atrativa e eficiente.

As brincadeiras afro-brasileiras possibilitam às crianças conhecerem a sua história e do seu povo de forma positiva. Aumenta a autoestima e favorece a sua aceitação como negro/a. Isso não quer dizer que irá ser trabalhado apenas o lado positivo da história e da cultura negra, mas mostrar que apesar de toda crueldade enfrentada pelo povo negro, este não deixou jamais que sua cultura fosse extinta, mas lutou e a preservou, de modo que garantiram as gerações contemporâneas o direito de vivenciá-las e se assumirem cidadãos/ãs dignos/as.

Segundo Cunha:

Abordar a cultura africana pelo lúdico, não significa negar as dores da Diáspora, mas afirmar o protagonismo e a sensibilidade artística desses homens e mulheres. É essa força de recriação de seu mundo que vemos na criança africana que hoje transforma lixo em brinquedo, que usa a terra como tabuleiro, que faz sua bola de panos velhos e sai a jogar futebol. É essa força criativa que vemos nas canções afro-paraenses da cidade de Cameté que tornam poesia o cotidiano pauperizado, quando cantam “mamãe meu namorado já chegou/não tem café com açúcar para dar pro meu amor/ amarra a rede e manda ele deitar/ não tem café com açúcar deixa a barriga roncar”.(CUNHA, 2016, p. 17).

Nesse sentido, deve-se ter cautela ao escolher as brincadeiras, pois o objetivo delas é possibilitar as crianças negras e não enfrentarem as práticas discriminatórias, valorizarem as diversidades, e desconstruírem os estereótipos em relação à pessoa negra.

As brincadeiras e jogos afro-brasileiros são predominantemente executados em equipe, o que permite que as crianças tenham maior interação e socialização. Além disso, quando a atividade é realizada em equipe, todos buscam cooperar e se ajudar para que tenham maior desempenho. Essa característica é fundamental para que a inclusão aconteça de forma espontânea.

O contato que acontece entre as crianças durante a brincadeira não se limita ao contato físico, mas, com os aspectos socioculturais que as cercam. Nesse sentido, o/a professor/a deverá problematizar a brincadeira nas atividades cotidianas e abordar os elementos contidos.

Para tanto, deve-se contextualizar as brincadeiras de forma interdisciplinar, valorizando as manifestações do brincar popular devido se aproximar da realidade dos/as alunos/as. Assim é possível conciliar brincar e aprender no contexto educacional.

Deste modo, reconhecer, valorizar e positivar a cultura africana por meio das brincadeiras permite às crianças se reconhecerem como herdeiros de tal cultura e próximo da criança africana. Assim, as brincadeiras são vistas como profunda experiência intercultural e intracultural. Uma viagem no passado de encontro com a cultura do outro e de nossas matrizes culturais.

3.4.1 Capoeira

A capoeira na escola pode ser um importante aliado de desconstrução do racismo. Também conhecida como brincadeira de angola, a pessoa utiliza o corpo para praticar essa atividade. Na brincadeira, se busca fortalecer a autoestima e o autoconhecimento. Além disso, possibilita ampliar a visão de mundo à medida que aproxima crianças brancas e negras. O foco maior da brincadeira não é a atividade física, mas o caráter lúdico e a história que lhe é inerente. Nas aulas de capoeira, não são apenas as crianças que aprendem sobre o universo do brincar e jogar, mas os adultos também aprendem sobre o universo infantil e como eles se descobrem e se percebem no mundo.

Trabalhar a capoeira é ir além do desenvolvimento da capacidade motora. Para executar os movimentos a criança, precisa enfrentar o medo, a insegurança, a frustração, trabalhar a tolerância ao erro, a resiliência e a capacidade de auto superação. Lidar com a capoeira na escola é muito importante tanto para as crianças negras, quanto para as brancas, pois possibilita a ambas o conhecimento e valorização da cultura negra, auxilia a desconstruir e combater as práticas racistas presentes na escola e na sociedade.

Para que haja valorização da cultura negra, é preciso que aconteça o processo de emancipação mental e desconstrução de valores racistas. Pois as crianças brancas precisam de referenciais positivos para que compreendam como podem ser agentes de transformação em uma sociedade que as privilegia. As crianças negras também precisam desses referenciais pra que possam fortalecer sua autoestima, construir suas histórias e terem ferramentas para enfrentarem o racismo.

Na roda de capoeira se canta músicas que descrevem positivamente personagens negros, veem nas aulas de capoeira mestres negros. Isso é importante para que a criança possa se espelhar e construir uma autoimagem positiva. Esse contato permanente aumentará a chance dela se tornar um adulto consciente e um agente de transformação (HOSHINO, 2017, p.1).

3.4.2 Terra-mar

Essa brincadeira é uma adaptação de uma brincadeira popular de Moçambique. Apesar de ser simples, é muito atrativa para as crianças. Risca-se uma longa reta no chão. De um lado é a terra de outro o mar. Inicia-se com todas as crianças do lado terra. Ao ouvirem: mar! Todos pulam pra o lado mar. Ao ouvirem terra! Pulam para o lado terra. Quem pular para o lado errado ou fazer gesto de pular quando não deve, sai. O último a permanecer no jogo vence.

Depois que as crianças já dominarem a brincadeira, o/a professor/a pode acrescentar um terceiro elemento: o “ar”. Ao ouvirem: “ar” os participantes devem dar um pulo, mas sem sair do lugar. Ou seja, se estiverem do lado da terra, permanecem nesse lado e se estiverem no lado mar dão um pequeno salto e continuam no lado mar.

Após a brincadeira, o professor pode conversar com os/as alunos/as sobre a história e a geografia de Moçambique, da relação que este país tem com o mar, em relação às atividades comerciais por meio da costa marítima, que iniciaram antes da chegada dos portugueses. O professor pode também informar aos alunos, que este país foi primeiramente povoado pelos Bantos, os quais difundiram atividades como a agricultura, pecuária, metalurgia e também comércio. E após os árabes se misturarem com as comunidades dos Bantos, surgiu a cultura Suaíli que se expandiu principalmente no norte de Moçambique e pelas regiões costeiras do Quênia e Tanzânia (CUNHA, 2016 p. 25)

3.4.3 Pegue o bastão

Esta brincadeira é uma adaptação de uma brincadeira egípcia. Para executá-la é necessário um bastão (ou cabo de vassoura) para cada jogador. Os jogadores formam um grande círculo. O objetivo é pegar o bastão mais próximo antes de cair.

Os jogadores devem manter seus bastões na vertical e a frente, com uma ponta tocando o chão. Quando o/a professor/a gritar “trocou” todos os jogadores deixam seus

bastões e correm para pegar o próximo bastão à sua direita antes que ele caia no chão. Quando um jogador não consegue pegar o bastão antes que ele caia, ele está fora do jogo e deve levar o seu bastão. Quem não errar vence.

Para dificultar o jogo, o/a professor/a poderá mudar o sentido que ocorre a troca de bastões. Como ao invés de irem para a direita, deve ir para a esquerda ou ainda, aumentar a distância entre os jogadores.

Na sala de aula, o/a professor/a poderá enfatizar os aspectos da cultura egípcia. Poderá também esclarecer que o Egito faz parte do continente africano, já que é bastante comum que as pessoas não relacionem o Egito à África, ao pensar que este é isolado dos povos africanos. O que na verdade é que ele sempre foi ligado culturalmente e politicamente a outras grandes nações, o que evidencia a riqueza da África antiga.

3.4.4 Neéz degúiaan

Essa brincadeira se originou no Marrocos. Ela se assemelha à brincadeira terra-mar. Desenha-se um círculo grande no chão, ao redor do qual ficam os participantes. Quando o professor gritar: Dentro! Os jogadores devem pular para dentro do círculo. Quando gritar: Fora! Todos devem pular para fora do círculo. Se já estiverem na parte certa do círculo, devem dar um pulo no mesmo lugar. Quem errar é eliminado e se afasta do círculo. O último a permanecer no jogo vence.

A partir dessa brincadeira, o/a professor/a poderá usar o mapa para indicar onde Marrocos está localizado, no extremo noroeste africano. Ele poderá abordar também que este país tem uma grande influência árabe, por estar localizado na fronteira com o continente Europeu. Entre as influências árabes se destacam a arte dos mosaicos, os quais caracterizam a arquitetura marroquina. Após esta abordagem, o professor poderá pedir para os alunos construírem seus próprios mosaicos.

3.4.5 Fogo na montanha

Adaptação de uma brincadeira da Tanzânia. É escolhido um líder. Os/as jogadores/as decidem uma “palavra chave”, como “barco”, por exemplo. Todos/as ficam de costas. Há três regras. Quando o líder gritar: “fogo na montanha!” todos/as pulam e respondem “Fogo!”, mas permanecem de costas. “Fogo no rio”! Todos/as respondem “Fogo” sem pular. “Fogo no barco azul” ou qualquer outra frase que contenha a palavra-chave, todos/as pulam e viram para frente gritando “fogo”. Quem errar os movimentos sai do jogo.

Na aula, o/a professor/a poderá explicar para as crianças que a Tanzânia é um país montanhoso, e tem o pico mais alto da África. Ele/a poderá também junto com a turma construir uma maquete do país.

3.4.6 Labirinto

Adaptação de uma brincadeira de Moçambique. Com uma pedra em uma das mãos, sem que o outro saiba, os jogadores colocam-se de frente um para o outro. Na aresta inicial do “Labirinto” são colocadas duas pedras diferentes, sendo uma de cada jogador/a. Como variação pode-se riscar o diagrama no chão em tamanho grande para que os/as competidores/as caminhem sobre ele (como ocorre na amarelinha). O/a jogador/a que tem a pedra estende as mãos ao colega, tendo este que adivinhar em qual das mãos está. Se conseguir, a sua peça ou ele mesmo, caso o diagrama seja grande o suficiente, desloca-se para uma aresta do labirinto. Caso contrário, a peça do outro é que será movimentada. Este procedimento repete-se até que um/a dos/as jogadores/as chegue à última aresta e ganhe o jogo.

Terminada a brincadeira, o/a professor/a poderá informar às crianças que Moçambique, assim como o Brasil, também possui a língua Portuguesa.

“E utilizar poemas de autores como José Craveirinha, os quais apresentam a dualidade de um país erguido sob a lógica da colonização e da diáspora negra. Lógica que condenou africanos nativos a viverem marginalizados em seu próprio território, e os exigiu amplos processos culturais de resistência, inclusive utilizando instrumentos dos colonizadores, como é o caso da poesia escrita em português”, conforme o trecho (CUNHA, 2016, p.37).

Grito Negro

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.

Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
para te servir eternamente como
força motriz
mas eternamente não, patrão.

Eu sou carvão
e tenho que arder sim;
queimar tudo com a força da minha
combustão (CUNHA, 2016, p.38)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que brincadeira faz parte da essência do ser humano desde o nascimento. É através dela que as crianças desenvolvem as suas habilidades sejam elas físicas, psicológicas ou cognitivas. Além de proporcionar que o desenvolvimento aconteça de forma natural e sequencial, trazendo à realidade características do seu mundo imaginativo. A brincadeira é o meio pelo qual elas conhecem a si e ao/a outro/a, e também o mundo ao seu redor. Desse modo necessitam brincar para que se desenvolvam, já que brincadeiras não são apenas diversão ou passatempo.

Por isso a brincadeira deve fazer parte do currículo escolar, uma vez que ela é uma aliada no aprendizado das crianças. E assim, promotora da autoestima e da participação nas atividades, principalmente as atividades em grupo, o que facilita a socialização e a interação das mesmas.

Nesse processo são relevantes que os jogos e as brincadeiras afro-brasileiras e africanas estejam presentes no ambiente escolar, principalmente na educação infantil, fase em que as brincadeiras são recorrentes. Pois além da riqueza de conteúdo, contribuem para que as crianças negras se reconheçam como parte da sociedade, elevando a sua autoestima.

As brincadeiras afro-brasileiras possibilitam às crianças negras a construção da autoestima positiva. Pois nesse processo do brincar, elas se sentem parte da sociedade na qual estão inseridas e veem sentido no que diz respeito aos conteúdos aos quais as brincadeiras estão abordando.

Bem como os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana devem fazer parte do currículo escolar, como aponta a Lei 10.639/2003, e serem abordados nas aulas de forma dinâmica e criativa para que as crianças negras tenham acesso a sua história e do seu povo como agentes construtores da história e cultura do nosso país. Assim possam se orgulhar do legado deixado pelo povo negro.

Desse modo, consideramos importante trabalhar tais conteúdos através das brincadeiras as quais possibilitam o desenvolvimento infantil, a consciência e a valorização da diversidade étnica e cultural do Brasil, formando assim, cidadãos/ãs combatentes do racismo e discriminação contra pessoas negras.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOWICZ, Anete e RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Relações Étnico-Raciais: práticas racistas e preconceituosas nas classes de educação infantil e propostas para desconstruí-las. In. BRANDÃO, Ana Paula & TRINDADE, Azoilda Loretto da (Orgs). **Modos de Brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

ALMEIDA, Paulo N. **Educação lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 2000.

AMARILHA, Marly. **Infância e literatura**: traçando a história. In. **Educação em questão**. Natal: EDUFRN. V.10/11, p. 126 – 136, 2002.

BARBOSA, Jéssica de Souza. **A Identidade da Criança Negra na Educação Infantil**: representações a partir dos brinquedos e brincadeiras. Campina Grande, PB: , UEPB. 2018

BENJAMIM, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo. Summus. 1984.
BORBA, Ângela M. A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil. In: BRASIL/MEC – **Revista Criança do Professor de Educação Infantil** – Brasília: Ministério da educação Básica, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant. Trabalho precoce: qualidade de vida, lazer, educação e cultura. **Revista Serviço Social e Sociedade**. V. 8 n.55, nov. 1997.

CASCUDO, CÂMARA. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1984.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira de. **Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

COSTA, Cândida da et. Al. **Observatório criança**: acompanhando a situação dos direitos da criança e do adolescente no Maranhão de 2003 à 2005. São Luís: CEDCA/CDMP, 2008.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

DA MATTA, Roberto. **O Que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Você tem cultura? In: **Explorações** – ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DINIZ, Margareth. Formação docente para a diversidade e a inclusão. In. **Revista Educação em Foco**, ano 14, n.18, p. 39-55, dez. 2011.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Sociedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papiros, 2003.

FONTENELE, Zilfran Varela. A História e Cultura Afro Brasileira e Indígena na Escola. Brasília, XXIX Simpósio Nacional de História, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOMES, Nilma Lino (Org.). Diversidade étnico racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nima Lino. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 97-110.

_____. (Org.) **Práticas pedagógicas de Trabalho com Relações Étnico-Raciais na Escola na Perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: MEC; UNESCO, 2012.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. O desafio da diversidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. **Experiências Étnico-culturais para a Formação de Professores**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 13-33.

HOSHINO, Camila. Capoeira na Escola é uma janela para a Desconstrução do Racismo. Lunetas, São Paulo, 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. Como Opera a Cultura. In: LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEVIN, Esteban. **A infância em cena – constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

JUNIOR, João de Deus Fonseca. Os jogos de Origem Africana e Afro-brasileira: uma proposta sociocultural para o ensino. Cachoeira, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), 2019.

MELO, Marisol Barenco. Muitas Infâncias: castigo de menina negra. In: BRANDÃO, Ana Paula & TRINDADE, Azoilda Loretto da. [Orgs.]. **Modos de Brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PRAXEDES, W. A questão racial e a superação do eurocentrismo na educação escolar. In: COSTA, L. G. (Org.) **História e Cultura Afro-brasileira**. Maringá: Eduem, 2010.

RANGEL, Luiz Célio (Org.). Fundamentos de Psicologia do Desenvolvimento e da aprendizagem. Guarabira: UEPB, 2013.

ROSA, I. M.; VENTURA, A. L. Brincando com a cultura africana. In: **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – PUCPR**. Curitiba, PR: 2011.

SANTOS, S. M. P. **O brincar na Escola**: metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SANTOS, Simone Ferreira Souza dos. A lei 10.639/2003 e a formação continuada para a discussão das relações étnico-raciais do 6º ao 9º ano em uma escola pública Estadual de Campo Grande - MS – com alto IDEB. Campo Grande. UCDB, 2016.

SARMENTO, Manuel J. Visibilidade social e estudo da infância. In. VASCONCELLOS, Vera M. R. (Org.) **Infância (in) visível**. Araraquara, SP: Junqueira e Marin, 2007.

SILVA, Helder Kuiawinski da. A cultura afro como norteadora da cultura brasileira. Erechim (RS): Perspectiva, 2014.

SILVA, Rubislei Sabino; COUTO, Cláudia Fernandes. Marcas de uma Infância: trabalho e liberdade da criança negra pós-abolição da escravatura. Rio do Pires, GO: Mediação, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando@cultura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRINDADE, Valéria da Silva. Os desafios da escola Pública Paranaense na perspectiva do professor. Paraná, Caderno PDE, v.1, 2016.

QUEIROZ, Norma Lúcia Neris; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Ângela Uchôa. Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: Um olhar sociocultural construtivista, Brasília, Paidéia, 2006.